



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Alex da Costa Silva

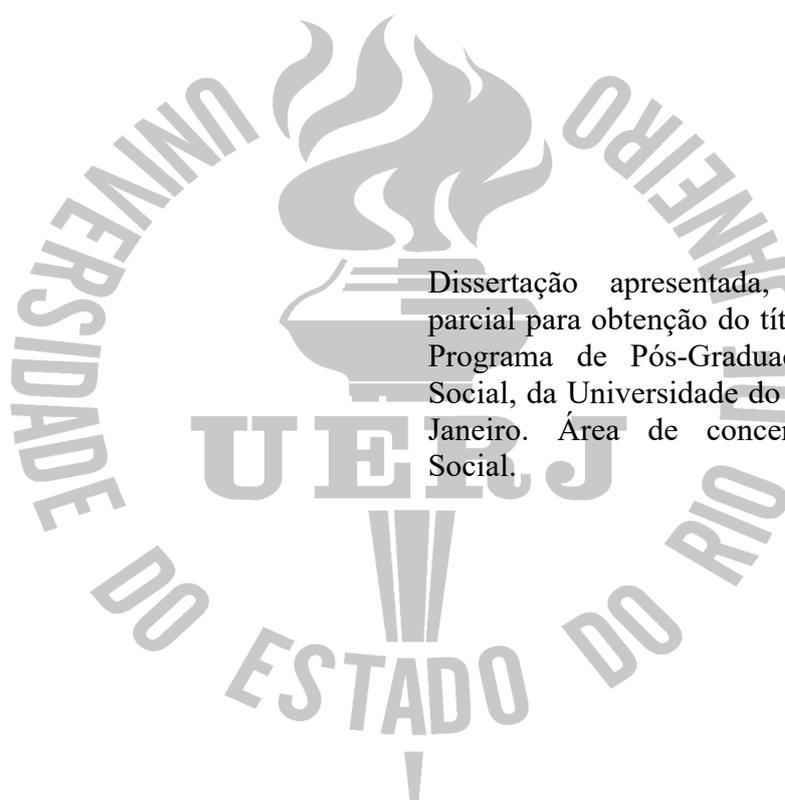
**A nação em exposição: a Exposição Nacional de História de 1881, no
contexto das exposições universais**

São Gonçalo

2023

Alex da Costa Silva

A nação em exposição: a Exposição Nacional de História de 1881, no contexto das exposições universais



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S586
TESE

Silva, Alex da Costa.

A nação em exposição: a Exposição Nacional de História de 1881, no contexto das exposições universais / Alex da Costa Silva. – 2023.

96f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes.
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Brasil – História – Séc. XIX – Exposições – Teses. 2. Memória coletiva – Brasil – Séc. XIX – Teses. 3. Nacionalidade – Brasil – História – Império, 1822-1889 – Teses. I. Fernandes, Rui Aniceto Nascimento. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6150

CDU 981”1822/1889”

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alex da Costa Silva

A nação em exposição: a Exposição Nacional de História de 1881, no contexto das exposições universais

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social.

Aprovada em 27 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Gisele Perreira Nicolau
Universidade Salgado de Oliveira

Prof.^a Dra. Lívia Beatriz da Conceição
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

Aos meus Avós paternos José Pedro da Silva e Francisca Senhora da Conceição da Silva (in memoriam), nordestinos do sertão da Paraíba que emigraram num caminhão para o Rio de Janeiro e deram valores ao meu Pai que foram tesouros para uma vida; aos meus Avós maternos João Ferreira da Costa e Odemia Soares (in memoriam), trabalhadores rurais e plantaram ensinamentos de coragem e força para a vida e no coração de minha Mãe, ao meu Pai José Pedro da Silva Filho (in memoriam), com certeza o homem mais esforçado, correto, honesto com seu trabalho e com um amor infinito pela sua família que tive a honra de ser seu filho; a minha Mãe e ao meu irmão que são a minha casa, minhas colunas, meu abrigo e incentivo e aos Meus Amigos, a maior fortuna que construí em minha vida e história, sem Eles, eu perco o viço da vida.

AGRADECIMENTOS

Com certeza, cursar o Mestrado, construir a Dissertação e realizar a Banca de Defesa da Dissertação foi o maior desafio da minha vida na Universidade até hoje. E ele aconteceu no momento mais difícil da história deste século a pandemia de Covid-19, que, de mim, levou familiares muito amados, a minha avó materna e uma tia muito querida. Levou amigos e me fez sentir as dores e as angústias de pessoas próximas que perderam seus familiares ou que foram hospitalizados.

A pandemia chegou para este mestrado depois da primeira semana de aulas em março de 2020, e me tirou o que mais tenho prazer de fazer em minha vida, estar junto de pessoas. Nunca tive a oportunidade de conviver fisicamente com a minha não pude realizar uma visita ou pesquisa junto às instituições e locais do objeto da minha pesquisa que ficaram fechadas durante dois anos.

Também fui marcado por esta doença por três vezes e tenho sequelas, que trago até hoje. Em minha saúde física e mental, principalmente, eu caí em um estado quase destruidor de depressão, ansiedade e síndrome do pânico, mas, com certeza, com o socorro e auxílio de Deus, que em sua providência, me levou a pessoas e aos locais nos momentos certos. Obrigado por seu amor, bondade, paciência, cuidado e misericórdia por mim Deus, sem às suas graças não chegaria aqui.

Ao meu Deus, vai o primeiro e infinito agradecimento, sem ele não posso e poderia realizar ou construir, foi através dele que pude realizar o dia e todos outros momentos de conquistas em minha vida e história. Em ti, senhor, preciso seguir para construir e realizar as próximas conquistas.

Aos meus Pais, José Pedro (em memória) e Anselma, que fizeram para além do que um filho precisava desde a minha infância para chegar até onde cheguei, aos dias de hoje. Os seus sacrifícios, renúncias, dores, correções e lições formaram e forjaram o que me tornei, obrigado por tudo, meu pai, que já está na eternidade a ele posso dizer hoje: “pai apesar das minhas fraquezas defeitos, misérias e limitações consegui realizar o sonho de o senhor ter um filho que pode chegar ao grau de formação profissional que lutou desde minha infância para que eu tivesse, não apenas um título, mas uma profissão, muito obrigado Sr. José Pedro, por tudo, te amo Pai.

Minha Mãe é, com certeza, uma fortaleza construída em rocha, a sua coragem, fé, energia, vocação e disposição para me ensinar a ser justo, correto, que me educou para ser

melhor, sempre, como pessoa, homem e profissional. Não tem fim e nem descanso, nestes últimos meses, semanas e principalmente dias sem ela o rumo da minha vida teria se perdido novamente, obrigado, D. Selma, te amo Mãe.

Ao meu irmão Alan, que tem vivido situações complexas em sua vida, mas não perdeu suas grandes qualidades: o seu senso equilibrado de agir diante das dificuldades, de se manter em paz e de um humor incrível. Foi um acompanhador e debatedor atento às minhas necessidades neste tempo de Mestrado e me ajudou muito nas horas de desânimo e falta de direção neste trabalho, obrigado por ser, irmão.

Agradeço em particular ao meu Orientador, Professor Doutor Rui Fernandes que sempre foi presente, atencioso, cuidadoso, compreensivo e acima de tudo paciente comigo neste tempo que foi muito longo para além das regras do sistema da Pós-Graduação em nosso país. Aproveito para agradecer ao PPGHS por acreditar em mim e na Coordenação, por ser atenciosa e prudente em atender e agradeço a CAPES pelo financiamento desta pesquisa, em tempos de grandes dificuldades e desafios para Educação no Brasil nos últimos quatro anos, em que, sob ataques, ameaças e desconfianças vivemos muitas vezes, mas a Educação venceu e sempre vencerá. Agradeço também ao Corpo Docente e a Secretária do PPGHS, e em especial a nossa ex-secretária Andréia pela sua atenção, paciência e o modo carinhoso e objetivo de me atender sempre em parte deste percurso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço ao Professor Luis Reznik, meu Coordenador do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores, na FFP-UERJ e Professor na Graduação. Ele foi um incentivador desde os fins da Graduação para que realizasse a Seleção do Mestrado, me valorizou como profissional e pesquisador para além do que consigo realizar, se tornou um amigo muito especial, atencioso, bondoso e generoso, uma referência paterna para mim e muitos momentos nestes sete anos de convivência junto a ele. Também agradeço a Professora Márcia Goncalves que me ajudou a construir o projeto para a seleção e ingresso no Mestrado em 2019, suas lições, indicações referências estão presentes em todo este trabalho.

Quero também agradecer aos colegas do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores, como aprendi com os que passaram por lá, os que estão e os que chegaram, este grupo é uma das razões do amar e buscar dar o melhor que posso pela FFP-UERJ. O CMIIF é um lugar de aprendizado, aperfeiçoamento em pesquisa, de acolhimento profissional e humano.

Eu não posso deixar de agradecer às Professoras Gisele Pereira Nicolau e Livia Beatriz da Conceição, por terem aceitado o convite de formarem esta Banca de Defesa de

Dissertação: “obrigado pela sua atenção, gentileza e generosidade em realizarem a leitura atenta e fazerem as suas contribuições tão preciosas no momento conclusivo deste trabalho e pesquisa”.

Jamais me esquecerei de fazer um agradecimento e uma homenagem com muita gratidão e ternura às Professoras Maria Inez Turazzi e Ana Paula Sampaio Caldeira, sem elas, o presente trabalho e dissertação não seria possível de se tornar solidamente real em fontes, referências, argumentos, hipóteses e produto científico de uma pesquisa. Ambas me forneceram todo o instrumental neste tema, me ouviram me deram materiais e a Professora Maria Inez me emprestou o seu preciso exemplar do Catálogo da Exposição de História 1881. Professoras, Maria Inez e Ana Paula Sampaio, a minha gratidão a vocês será eterna. Agradeço, também, a Professora Tânia Bessone que conseguiu para um exemplar na primeira e única até então dissertação de Mestrado sobre o tema da Exposição de História 1881, de sua orientanda Eliza Amadeo, que foi defendida em 2007, ou seja, a 14 anos atrás.

Agradeço, a minha aluna e amiga, minha “filha do coração”, Thamíris Cristini, que me deu todo o suporte na escrita nas normas ortográficas e gramaticais e na formatação deste trabalho, sua atenção e ágil pensamento são um dom para mim e com agradeço a todos os Alunos que já tive, tenho e terei em minha história de professor, vocês são objetivo e alvo de minha profissão e ofício de Professor de História.

Neste momento o agradecimento vai a pessoas, que afirmo sem elas, eu não teria forças e mesmo nem vida objetivamente para chegar ao termino desta Dissertação. Ao meu Amigo, “irmão de FFP e de vida”, meu “Mestre” e afilhado Guilherme Cavotti, a sua vida é um modelo e testemunho para mim do que ser um profissional, professor de História e historiador, em Guilherme vejo uma integridade, uma bondade imensa com quem ama e uma honestidade de vida que, nem com todo meu esforço serei capaz de ter sequer chegar perto, obrigado por tudo, obrigado por sua imensa e infinita amizade, o meu primeiro dom de amizade construído na FFP e que vai comigo para toda a vida.

A minha Amiga e “irmã caçula”, Vanessa Leite, não tenho palavras para definir a importância de sua amizade em minha vida e história, só contigo posso revelar as minhas confidências, minhas fraquezas, minhas dores, meus medos e erros sem medo de julgamentos. Com Vanessa aprendo ser uma pessoa, um homem, um cristão e um profissional melhor, a sua maturidade é educativa e um benefício para mim, Tu és presença-presente de Deus na minha história, seu amparo e socorro nas horas mais duras desta jornada me fizeram chegar até aqui. E seu compromisso e responsabilidade com a nossa profissão, é uma lição para mim,

minha amiga e seu senso de humor que me faz rir e me acalma nas horas mais duras e difíceis, a você só tenho gratidão por tudo.

Minha Amiga, Carolina Carvalho, ou simplesmente Carol ou “minha afilhada”, seu equilíbrio, mansidão, generosidade concreta e objetividade são suas marcas. Mas a sua paciência em me ouvir, acolher, ensinar o caminho e sentidos são um balsamo que cura e fortalece, nas horas de desânimo e dor, você sempre esteve aqui junto a mim e me fortificava e acalmava e sempre acreditou que eu iria chegar ao final desta jornada e seguir caminhos maiores com brilhantismo e alegria, obrigado minha amiga.

Ao meu Amigo, Raphael Matheus, a pessoa que tem o coração mais solidário e generoso, que eu conheço. Suas palavras de incentivo e amizade desde a primeira hora ainda nos momentos que antecederiam a prova e todo o processo seletivo de ingresso ao mestrado e nos últimos meses, você meu amigo me trouxe junto ao seu coração que é dez vezes maior do que o seu, Raphael tenha certeza de que a bondade e amor de Deus emergem de ti, em grandiosidade e seu socorro nas horas de dificuldade material foram imensas. Tenho em ti, a gratidão de alguém que me fez voltar a confiar em Deus e mim, no momento de mais escuridão na minha vida.

Esses quatro amigos todos advindos da FFP cada um em cada momento diferente dos tempos de graduação e na hora certa em que a Providência Divina me enviou de cada vez um a um deles, todos são os faróis, minhas imagens de amor, cuidado, proteção e atenção, de profissionais e na vida, e, sem eles, eu não teria terminado este trabalho.

Por fim agradeço a todos os meus amigos, os de ontem, de hoje e de sempre, agradeço aos colegas de Graduação e Pós-Graduação que se tornaram amigos, mas cito em especial Ruana Motta pelo cuidado e preocupação comigo, sempre em nossas conversas, obrigado minha admirável amiga, a Julianna Carolina, minha Coordenadora de Pesquisa no CMIIF, a sua coragem de vida é uma lição, seu modo corajoso e livre de encarar a vida com responsabilidade e afeto são uma provocação a mim, para que seja mais corajoso e prático na minha vida. A sua maternidade vigorosa e terna com sua filha, são testemunho de amor que aquece o meu coração e de todos que contigo convivem. A Magdalena Aybar e sua família, obrigado pela torcida, oração, palavras de animo, para incentivo e apoio, como foram preciosos e consoladores nesta jornada.

A Ruana Motta, sua força, carinho, amor e cuidado são remédios para mim, desde muito tempo, nesta jornada e caminho da Pós-Graduação sua presença Amiga que não obstáculo pela distância me deram animo e me revigoraram tantas em meio as dores e lutas, gratidão a ti, meu anjo, te amo muito e sucesso em nossa profissão e em sua vida. Obrigado

por tudo e todos amigas e amigos, familiares e conhecidos, que torceram por mim neste tempo, obrigado pelas orações e bons pensamentos e energias a mim transmitidos.

E, por fim, Faculdade de Formação de Professores, minha segunda casa, onde aprendi a ser melhor como pessoa, a limpar grande parte dos meus preconceitos e medos, lugar que tive as maiores lições de aprendizado acadêmico e profissional, que convivi e convivo com grandes mestres. Na UERJ-FFP o melhor capital e a melhor estrutura são as pessoas: alunos, professores, o corpo técnico-administrativo e os Funcionários terceirizados. Está a nossa marca de excelência e êxito e a falando na FFP, não a como não falar na UERJ, local em que tive grandes desafios para chegar e estou como profissional, no qual os “sistemas” tentaram me tirar de lá, mas consegui, com ajuda, de muitos, vencer os desafios, enxugar as lágrimas, sarar as dores e correr atrás vencendo os obstáculos.

Muito obrigado a minha amada FFP (Faculdade de Formação de Professores – Campus São Gonçalo), da também amada UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), obrigado por tudo e a todos.

RESUMO

SILVA, Alex da Costa. *A nação em exposição: a Exposição Nacional de História de 1881, no contexto das exposições universais*. 2023. 96f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

A proposta desta pesquisa toma como base o Catálogo da Exposição História do Brasil de 1881, que foi realizada pela Biblioteca Nacional. Buscamos compreender essa exposição no contexto das Exposições Universais realizadas a partir da segunda metade do século XIX. Nesses eventos estavam presentes discursos de progresso científico, tecnológico, nacionalismo, imperialismo e civilizatório de determinadas nações e povos, como modelos e projetos considerados, aos países e povos classificados “bárbaros e secundários”. Estes eventos disseminaram uma cultura de exposições de diversas temáticas nos campos da produção agrícola, industrial, de artes, cultura e história. História aqui está o sentido vértice desta dissertação, a História do Brasil Império é apresentada não em formatos de livros, de estudos, de um cânone bibliográfico para a criação de um panteão de heróis nacionais, de artes e mais modelos de representação. Não apenas um dos itens já citados, mas sim todos esses artefatos que marcaram as épocas da nação desde o empreendimento da colonização até o ano de 1881. Ela contou com a vasta tipologia documental que constavam no acervo da Biblioteca, que nunca tinham sido publicizados ao público, também documentos e objetos de outras instituições: IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), do Arquivo do Império (atual Arquivo Nacional), do Museu Nacional, de bibliotecas e colecionadores privados da corte e também de outras províncias do Império. O evento foi organizado pelo então do diretor da instituição Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz, de sua equipe de colaboradores mais próximos que contava com nomes de grande relevância já naquele como Capistrano de Abreu e João Saldanha da Gama e demais funcionários. Seguindo a perspectiva que a Exposição de História de 1881 foi pensada e organizada no âmbito e nas influências das Exposições Universais no Século XIX, a reflexão proposta neste trabalho nos leva com indícios a questões que tanto o evento, quanto o seu principal produto é o monumental catálogo em 3 volumes sendo analisados sobre a metodologia da pesquisa histórica com o instrumental de apurando os discursos de história, nacionalidade e memória da nação nas palavras, gestos, símbolos e escolhas, onde captamos as intenções presentes e que objetivos nítidos estavam presentes na preparação, realização e apresentação da *Exposição de História e Geographia do Brazil de 1881* e no seu Catálogo.

Palavras-chave: exposições universais; exposição de história 1881; história no século XIX; memória; nacionalidade no Brasil Império.

ABSTRACT

SILVA, Alex da Costa. *The nation on display: the National History Exhibition of 1881, in the context of the universal exhibitions*. 2023. 96f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

The proposal of this research is based on the Catalogue of the Exhibition History of Brazil of 1881, which was held by the National Library. We seek to understand this exhibition in the context of the Universal Exhibitions held from the second half of the nineteenth century. In these events were present discourses of scientific and technological progress, nationalism, imperialism and civilization of nations and peoples, as models and projects considered, to countries and peoples classified as "barbaric and secondary". These events spread a culture of exhibitions of various themes in the fields of agricultural production, industry, arts, culture and history. History here is the vertex of this dissertation the History of Brazil Empire is presented not in book formats, of studies, of a bibliographic canon for the creation of a pantheon of national heroes, of arts and more models of representation. Not just one of the aforementioned items, but all of these artifacts that marked the eras of the nation from the colonization venture to the year 1881. It relied on the vast documental typology in the Library's collection, which had never been made public, as well as documents and objects from other institutions: IHGB (Brazilian Historical and Geographical Institute), from the Empire Archives (now National Archives), from the National Museum, from libraries and private collectors from the court and also from other provinces of the Empire. The event was organized by the then director of the institution Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, the Baron of Ramiz, and his team of close collaborators, which included names of great relevance already at that time such as Capistrano de Abreu and João Saldanha da Gama, and other employees. Following the perspective that the History Exhibition of 1881 was thought and organized in the scope and influences of the Universal Exhibitions in the 19th Century, the reflection proposed in this work leads us with indications of issues that both the event and its main product, the monumental catalog in 3 volumes, are analyzed under the methodology of historical research with the instrumental of refining the discourses of history, nationality and memory of the nation in the words, gestures, symbols and choices, where we capture the intentions present and what clear objectives were present in the preparation, realization and presentation of the Exhibition of History and Geography of Brazil of 1881 and its catalog.

Keywords: universal expositions; history exhibition 1881; history in the nineteenth Century; memory; nationality in Brazil Empire.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|--|----|
| Figura 1 – | Litografia da visão externa do Pavilhão Central da I Exposição Universal, o <i>Crystal Palace</i> , da Exposição Universal de 1851, autoria de Dickinson Brother | 29 |
| Figura 2 – | Litografia, de autoria de William Telbin, da vista geral interior do Grande Salão da Galeria das Nações, na I Exposição Universal em Londres, 1851 | 29 |
| Figura 3 – | Fotografia das Casas modelo para moradia de trabalhadores construídas, de autoria Claude-Marie Ferrier, próximas ao Pavilhão Central, o <i>Crystal Palace</i> , na Exposição Universal de 1851 | 30 |
| Figura 4 – | Fotografia do Palácio das Indústrias (Palais d’Industrie), de autoria de Édouarde Baldus, o Pavilhão principal da Exposição Universal de 1855, em Paris | 33 |
| Figura 5 – | Fotografia do Pavilhão das Maquinas, autor desconhecido, dentro complexo construído para a Exposição Universal de Paris em 1855 ... | 34 |
| Figura 6 – | Fotografia da visita da Rainha Vitória e do príncipe Alberto da Inglaterra, a Exposição Universal de 1855 em Paris, de autoria atribuída a Thomas R. Williams, sendo recepcionados pelo Imperador Napoleão III e a Imperatriz Eugenia, no Palais d’Industrie | 37 |
| Figura 7 – | Gravura do Palacio das Exposições, sede para I Primeira Exposição Nacional de 1861 no dia inauguração, no Rio de Janeiro | 43 |
| Figura 8 – | Ilustração, estátua de bronze do Imperador Dom Pedro II, feita para a I Primeira Exposição Nacional de 1861 | 43 |
| Figura 9 – | Ilustração do pavilhão do Império do Brasil, na III Exposição Internacional em Londres, 1862, pag. 49, da publicação Recordações da Exposição Nacional de 1861 | 44 |
| Figura 10 – | Fotografia sem autoria, pertencente a Coleção Thereza Christina Maria, do acervo da Biblioteca Nacional, da sede da II Exposição de Nacional de 1866, a Casa da Moeda (atualmente o Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro) | 46 |
| Figura 11 – | Folha da página 03 do Catálogo do Império do Brazil para Exposição | |

| | | |
|-------------|---|----|
| | Universal de Paris de 1867, do exemplar que pertence ao acervo da Biblioteca do Senado Federal | 47 |
| Figura 12 – | Estátua equestre de dom Pedro II, de autoria de Chaves Pinheiro, exibida na Exposição Universal de Paris em 1867. Pertencente a Reserva Técnica do Museu Histórico Nacional | 53 |
| Figura 13 – | Pavilhão externo do Império do Brasil, onde os visitantes degustavam do café do Brasil, na Exposição Internacional de 1876, da Filadélfia, nos E.U.A. | 56 |
| Figura 14 – | Foto de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz sem autoria, publicada no Almanaque Guarnier, em 01 de janeiro 1907 | 64 |
| Figura 15 – | Guia da Exposição Nacional de História de 1881, pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional | 71 |
| Figura 16 – | Capa da Edição fac-símile de 1981, na publicação em memória do 1º centenário de publicação do Catálogo da Exposição Nacional de 1881, publicado pela Editora UnB | 74 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|---|
| AP | Arquivo Público (atual Arquivo Nacional) |
| BN | Biblioteca Nacional |
| CEHB | Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881 |
| EHB | Exposição de História e Geografia do Brasil de 1881 |
| FBN | Fundação Biblioteca Nacional |
| IHGB | Instituto Histórico e Geográfico do Brasil |
| IIFA | Imperial Instituto Fluminense de Agricultura |
| MN | Museu Nacional |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| | INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 | AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: CONCEITOS, DISCURSOS, IMAGENS E A PARTICIPAÇÃO DO IMPÉRIO DO BRASIL DE 1862 A 1876 | 19 |
| 1.1 | As exposições universais no século XIX | 20 |
| 1.2 | Modernidade e o progresso nas exposições universais, a concretização da evolução, da ordem e da organização das sociedades | 23 |
| 1.3 | Os discursos, as imagens das primeiras exposições universais de Londres (1851), e de Paris (1855) e o espaço dos trabalhadores presente nelas | 26 |
| 1.4 | As nações e o nacionalismo presente nas exposições universais | 35 |
| 1.5 | O Império do Brasil nas exposições universais: a nação em busca do progresso e particularidade de sua civilização das Américas | 39 |
| 1.6 | O Catálogo do Império do Brasil para a Exposição Universal de Paris (1867), apresentação, discursos e contradições oficiais na auto representação do país entre o hall das nações civilizadas | 46 |
| 1.7 | A apresentação dos aspectos da nacionalidade do Império do Brasil nas exposições universais | 51 |
| 2 | A HISTÓRIA NACIONAL E A MEMÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE 1881 .. | 59 |
| 2.1 | História, a ciência do século XIX | 59 |
| 2.2 | A história nacional e nacionalidade na Exposição de 1881 | 62 |
| 2.3 | O Catálogo, a obra perene e produto da Exposição de História de 1881 | 71 |
| 2.4 | A memória nacional na Exposição de 1881 | 76 |
| 2.5 | A produção historiográfica sobre a Exposição de 1881 | 83 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| | REFERÊNCIAS | 92 |

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo e proposta, a partir do estudo e a análise da nossa primeira e principal fonte, que é o Catálogo da *Exposição de História e Geographia do Brazil*, de 1881 e auxiliar a esta fonte o *GUIA DA EXPOSIÇÃO DE HISTORIA DO BRAZIL REALIZADA PELA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO A 02 de Dezembro de 1881* e os Catálogos do Império do Brasil para as Exposições Universais de 1867 (Paris), 1873(Viena) e 1876 (Filadélfia), realizar a partir do cotejamento destas construir um caminho indiciário e formar a compreensão sobre as intenções, discursos e objetivos da Exposição de História de 1881, para o regime monárquico, para a instituição Biblioteca Nacional como local de referencial de produção científica, ou seja, da História como ciência no século XIX, polo de atração de intelectuais no estudo da história, da literatura e da nação em seus diversos aspectos e publicização e multiplicação de já seu vasto acerto que fora herdado da Real Biblioteca do Reino de Portugal, com a vinda da Família Real Portuguesa, da transferência da sede do Reino de Portugal e da Administração do Império Ultramarino Português em 1808¹.

O tema das Exposições Universais é rico e vasto em produções e estudos acadêmicos nas mais diversas áreas da História a Economia, e até os dias de hoje é significado o estudo destes eventos como criador da cultura e consumo de massas através da afirmação das máquinas, da tecnologia sobre a religião, o saber popular e a mentalidade, os discursos e o ideário do mundo medieval que era preciso ser rompido para que a humanidade almejasse e tocasse o futuro e progresso.

O Crystal Palace edificado em 1851, na capital do então, maior país imperialista e marítimo da Europa e do planeta há, pelo menos, 200 anos antes e que assim continuaria a até fins da I Guerra Mundial, a Londres da Era Vitoriana, foi construído como signo do futuro e evocar ares de grandiosidade, infinitude e até mesmo ser indestrutível, mas ao mesmo tempo, possuía uma agilidade e um movimento de ser transitório levando o progresso e tecnologia onde bem quisesse, sendo desmontado ao fim da Exposição de 1851 e sendo remontado 3 anos depois devido aos materiais usados neste edifício expositor e também nas mais modernas técnicas de pré-fabricação da época².

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2017.

² BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Editora Companhia das Letras, 2007. pag. 277-278.

No decorrer do século XIX aconteceu a solidificação e o avanço do progresso; das ciências humanas e técnicas; aumento ágil das cidades; a consolidação das artes; a invenção, aperfeiçoamento, solidificação da fotografia como meio de representação da “realidade” e circulação de imagens e como modo de informar a “verdade” dos acontecimentos; a consolidação e o aperfeiçoamento do modo de produção fabril e industrial; afirmação do modo de vida burguês como cânone de ações e interações sociais.

Mas as consequências desses discursos e atos de desenvolvimento como que validavam e validariam o “futuro” traria e se tornava presente neste momento neste momento da história na Europa e em posterior nos E.U.A., após a Guerra de Secessão, a segunda fase do capitalismo: o capitalismo de caráter e significados financeiro e industrial, onde os modos de produção submetia aos trabalhadores horas de trabalho que como nunca antes da história das sociedades, exploravam estes trabalhadores desde as crianças até os idosos para com objetivo da manutenção de uma ordem econômica e das elites políticas e sociais, mas, também fez surgir a formação de uma mentalidade crítica e reflexões sobre este modelo de trabalho e de economia, da organização de movimentos do proletário contra a exploração da mão-de-obra dos trabalhadores, de uma melhor organização estatutária e o aumento dos sindicatos de trabalhadores por profissões e ofícios.

Estas consequências, vão em confronto direto com um dos discursos presentes nas Exposições Universais de que o progresso e a ciência, seriam os caminhos naturais que os homens iriam percorrer até um futuro de paz entre os homens e as nações, de bem-estar social para toda a sociedade, de uma integração do trabalho humano (dos operários) com as máquinas que eram apresentadas como fruto da genialidade humana impulsionada pelo desenvolvimento científico, da harmonia nas relações entre a classe patronal e classe proletária, a urbanização e sanitização das cidades como instrumento de controle, de fim de doenças e epidemias e entre tantas questões de caráter político, econômico e social.

Mas as Exposições Universais tinham esse nome para dar destaque a enorme quantidade de itens e de tipos de produtos em exibição, para serem vendidos e para impor as inovações do progresso, do desenvolvimento e da tecnologia. É denominada “universal”, pois ele tem caráter de internacionalização destes eventos, devido a participação das nações com seus territórios, domínios e colônias; indo para além do país que sediava, aquela edição da Exposição.

Dois aspectos, discursos e meios de propaganda, que foram se afirmando como conceitos das e nas exposições universais, foram o nacionalismo próprio do século XIX, ou

seja, de caráter romântico ou revolucionário e a validação das políticas imperialistas e expansionistas que ressurgiram neste século.

A rivalidade entre as nações poderia ser deslocada de certa maneira dos campos de batalhas nas guerras para os stands e espaços de exibição dos países na Exposição, nos grandiosos palácios e parques que abrigavam as Exposições Universais. Se tornando assim Arenas Pacíficas do Progresso³, nos locais de realização do exercício de propaganda nacional de cada país, do patriotismo e do nacionalismo no século XIX como é exemplo das exposições de 1876, realizada pelo Centenário da Independência dos Estados Unidos e na de 1889 em Paris para celebrar pelo regime republicano que instalou em 1870 no país em definitivo, o Centenário da Revolução Francesa⁴.

O nacionalismo nas Exposições Universais, vai instrumentalizar e provocar aos cidadãos do país sede um espírito e uma mentalidade de unidade ilusória em torno das suas identidades de língua, cultura e território e com isso vai combater as divisões e rupturas de classe já presentes na divisão da sociedade capitalista burguesa e liberal, nas rivalidades entre a classe burguesa e as elites aristocráticas versus as classes proletárias e da pobreza. Criando a projeção efêmera de um nacionalismo vivificante e salutar para o país⁵.

Este nacionalismo presente, ambiente político, cultural, literário e de tantas formas no século XIX e ambiente das exposições universais também, estava no, claramente consolidado, projeto de planejamento e execução da *Exposição de História e Geographia do Brazil*, de 1881.

O seu idealizador e organizador principal, foi Ramiz Galvão, conhecia bem estes espaços das exposições Universais do século XIX e das Exposições Nacionais do Império, e que se realizavam em preparação para a presença no Brasil nestes eventos, porque um ano depois de ser nomeado para chefiar a Biblioteca Nacional, ele foi um dos membros da comitiva da delegação brasileira na Exposição Universal de Viena em 1873 e depois do evento ele fez uma viagem na Europa por quase dois anos com objetivo de adquirir novos títulos para instituição que pudessem contribuir para a escrita da história nacional e para

³ SILVA, José Luis Werneck da. **As arenas pacíficas do progresso. As exposições internacionais**, 1992.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. Editora Hucitec, 1997. pag. 52.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ibidem*

conhecer novos modelos de organização e administração das bibliotecas e dos arquivos públicos no Velho Continente⁶.

No conjunto da pesquisa e desta dissertação, os conceitos de progresso, tecnologia, cultura de massas e nacionalismo estarão presentes no primeiro capítulo, quando será apresentado um panorama das Exposições Universais. Em seguida, uma parte da historiografia já produzidas sobre este tema e a participação do Império do Brasil nas Exposições Universais de 1862, 1867, 1873 e 1876, que se realizaram justamente antes da Exposição de História de 1881 e nesta tarefa foi realizada operação de análise e leituras das fontes, os catálogos, que indica no resumo da dissertação para aferir as semelhanças de discursos e propostas de organização destes tipos documentais. Sendo realizada análise, a leitura e as críticas ao Catálogo da participação do Império do Brasil 1867.

No segundo, nos detemos de maneira objetiva e adensada ao tema principal deste trabalho que é a Exposição de História 1881 e do Catálogo com o detalhamento da fonte principal que é o Catálogo e das intenções do evento, a Exposição de História, a descrição das salas. Neste capítulo os conceitos e a utilização dos conceitos de História, Nacionalismo e Memória no século XIX na Exposição de 1881. E também indicaremos a produção historiográfica sobre a Exposição de História de 1881 e o seu Catálogo.

⁶ CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. **O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional**, 2015. 362 f. Tese (doutorado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. pag. 101-102.

1 AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: CONCEITOS, DISCURSOS, IMAGENS E A PARTICIPAÇÃO DO IMPÉRIO DO BRASIL DE 1862 A 1876

O tema das Exposições Universais é trabalhado por historiadores e estudiosos de outros campos científicos como a Geografia, a Economia, a Arquitetura. Antes de me aprofundar nesta historiografia, gostaria de analisar estes eventos no campo histórico-cultural, sem deixar de indicar as representações, os discursos e os impactos para as sociedades daquele período, o século XIX.

As Exposições Universais foram os espaços de demonstração concreta das transformações políticas, econômicas, sociais, científicas e técnicas no qual o século XIX acolheu, experimentou, consolidou e tornou concreto. Os conceitos e os discursos de Civilização, Progresso, Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento estavam demonstrados de modo concreto nos pavilhões de países, nas máquinas e nas atrações presentes as exposições.

Nestas arenas ou palcos, as nações se rivalizam como modelos civilizatórios a serem seguidos e disputavam o monopólio do poder científico, econômico, político e bélico. A grande promotora destes eventos foi a burguesia que se consolidou a partir dos conceitos da Revolução Francesa e também como realidade econômica na Inglaterra em fins do século XVII como força econômica e social e que foi se organizando durante a I Revolução Industrial.

Ela que codificou um modo e estilo de vida onde a representação da felicidade, da estabilidade, paz e do equilíbrio das nações que necessariamente teriam de ser seguidos para a manutenção da ordem e do equilíbrio, da humanidade. E está Burguesia que teve no século XIX, o seu período de consolidação e domínio efetivo nas mentalidades, nas realidades econômicas e nacionais de diversos países e sociedades, como por exemplo, sendo a promotora dos movimentos nacionalistas.

1.1 As exposições universais no século XIX

Com estas concepções, em minha leitura eu apresento Werner Plum⁷, existe a inauguração de uma sociedade onde a nova ordem industrial e financeira conduziria as sociedades em caminho do futuro, a sociedade industrial tinha a convicção de que o futuro poderá construído e conduzido e a história levar para as melhores condições para a humanidade.

Este futuro precisava ser monumentalizado e as novidades deveriam ser reconhecidas e exibidas como referencial de uma nova era em que o objetivo era levar seus signos como inspiração e modelo. Isso se tornou concreto nas Exposições Universais e um exemplo da materialização deste discurso foi o local construído para a primeira exposição universal em Londres em 1851, o Palácio de Cristal, está construção símbolo concreto da modernidade e hegemonia da tecnologia, possuía 563 metros de comprimento, 124 metros de largura e 33 metros de altura. Ela era a concretização da monumentalização do novo modo vida e modelo de sociedade que seriam impostos e construídos a partir dos cânones da técnica, da ciência e da indústria.⁸ O Palácio, era uma obra de aço e vidro, era ao mesmo tempo, um monumento e espaço para a exibição destes cânones eleitos pelo modo de vida e ordem burguesa que se estabeleceu neste período.

Neste capítulo, serão apresentadas as questões, reflexões e análises sobre os discursos e as representações sócio-políticas presentes nas Exposições Universais. A partir dos conceitos de progresso, civilização, modernidade e futuro, serão apresentadas as realidades de acontecimentos ocorridos durante as exposições universais que aconteceram entre 1851 a 1876. Para tanto, situamo-nos no campo da História Cultural, que, como afirma Jean-François Sirinelli⁹:

é a que fixa o estudo das formas de representação do mundo no seio de um grupo humano cuja natureza pode variar – nacional ou regional, social ou política - e de que analisa a gestação, a expressão e a transmissão. Como é que os grupos humanos representam ou imaginam o mundo que os rodeia? Um mundo figurado ou sublimado - pelas artes plásticas ou pela literatura-, mas também um mundo

⁷ PLUM, Werner. *Exposições no século XIX: espetáculos da transformação sócio-cultural*. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979.

⁸ PLUM. *Exposições no século XIX. Op. cit.*, p. 29-30.

⁹ BERSTEIN, Serge; RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 20.

codificado - os valores, o lugar do trabalho e do lazer, a relação com os outros -, contornado - o divertimento -, pensado - pelas grandes construções intelectuais -, explicado - pela ciência - e parcialmente dominado - pelas técnicas -, dotado de sentido - pelas crenças e os sistemas religiosos ou profanos, e mesmo mitos -, um mundo legado, finalmente, pelas transmissões devidas ao meio, à educação, à instrução.

Roger Chartier¹⁰, indica e afirma que as representações coletivas, como um instrumento de leitura e como matriz de classificação e ordenação da realidade e do mundo social apresentados. As representações são os meios no qual podem tornar presente e concreto uma pessoa, objeto ou conceito com vistas de tornar visível através de uma imagem a ideia ou discurso, para torna-lo adequado ao momento em que é apresentado.

Na Exposição e no catálogo, as representações de se prestam para forjar na coletividade a nação e a nacionalidade que estão presentes e se tornam reais através dos objetos que serão expostos, nos livros e nas obras relacionados e também nas biografias das pessoas e personagens que serão escolhidos como modelos para civilização e a cidadania dos brasileiros naquele momento da história do Império.

As representações, são instrumentos discursivos que mobilizam as pessoas por palavras, signos e percepções associados a sentimentos e sensações. Quando vemos a bandeira ou escutamos o hino nacional logo nos é despertada a ideia de que somos cidadãos daquele país. Quando escutamos e vemos um novo aparelho eletrônico que promete praticidade e agilidade para nosso cotidiano ou atividades de trabalho, temos a vontade de adquiri-lo com o objetivo de ter mais tempo e praticidade em nossa vida.

Assim também podemos citar as roupas, que em suas peças de propaganda são apresentadas como padrões de belezas que nos remetem a um ideal físico que será aceito socialmente e que poderá permitir uma sensação de igualdade cultural e econômica. Estes são alguns exemplos dos meios de representação que podemos associar aos sistemas de representação dos discursos culturais.

De acordo com Sandra Pesavento¹¹, retomando o conceito das representações coletivas, estas são compostas por discursos e imagens que, embora não sejam objetivamente uma apresentação da realidade, apontam uma aproximação com está e, nesse sentido, provocam uma organização das práticas sociais. Assim, pode-se afirmar que o imaginário das sociedades é a tradução, a interpretação mental e visual de uma realidade exterior concreta.

¹⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. Editora Hucitec, 1997, p. 42-45.

O imaginário social também comporta em si dimensões criadoras, utópicas, de sonhos e representação abstrata, o desejo de tornar a ser e até mesmo de modo fantástico na manifestação do inconsciente coletivo. A imagem é algo fundamental neste discurso e nos instrumentos de representação social, o que pode definir as imagens como símbolos e marcas de um modo metafórico à identificação no âmbito social. O objeto a ser representado é remetido a um sistema de valores subjacentes, cuja significância extrapola os limites do representado.

Para a burguesia, este modelo e modo de viver e interpretar o mundo levariam a humanidade a um estado melhor e à concretização de uma sociedade em paz, de bem-estar e ordem. O desenvolvimento e o progresso tecnológico e industrial são produtos da racionalidade dos homens que superou e iniciou diminuição gradativa e continuada até os dias de hoje, das barreiras de concepção de realidade para além das barreiras das interpretações mágico-religiosas de produzir o cânone das ideias. Ao indicar que burguesia, era a promotora deste modelo de sociedade e de economia, produção, mentalidades, educação, valores éticos e sociais; estou me referindo a burguesia do europeia no século XIX

Se as sociedades no mundo a partir do século XVIII, e sim com as explicações das realidades do mundo e dos homens pela e através da ciência, que gera o equilíbrio pela materialidade da produção em escalas nunca antes vistas e vai ultrapassar para além do espaço comercial, financeiro e econômico. Essas três realidades e discursos apresentados e vocalizados pela classe burguesa estão relacionadas à ordem capitalista industrial e financeira, já consolidada durante a II Revolução Industrial, um tempo de transformações e consolidações de realidades sociais e laborativas¹².

Pensando numa “*cultura das exposições*”, que estava presente no mundo desde os fins do século XVIII e no século XIX¹³, elas se prestavam a papel de favorecer e criar uma exibição das novidades tecnológicas e das mercadorias destinadas para o consumo e, desta forma, consolidar este modo de consumir que serviam para dar força e tornar hegemônico o modelo capitalista. Unido a isto está, como indicado anteriormente, “as representações mentais” e os “signos das mentalidades” na medida em que concretizavam as crenças, as imagens, as práticas e as ações de ordenação e primazia de nações sobre as outras, a hierarquização e construção da ordem e harmonia entre as classes sociais. Desta forma, as

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ibidem* p. 47.

¹³ CALDEIRA, Ana Paula S. *O Bibliotecário Perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017, p. 211.

exposições contribuíam para materializar esses discursos e crenças presentes nesses eventos além dos conceitos citados: progresso, tecnologia, desenvolvimento e ciência.

1.2 Modernidade e o progresso nas exposições universais, a concretização da evolução, da ordem e da organização das sociedades

O primeiro aspecto que gostaríamos de apresentar são algumas reflexões já produzidas pela historiografia sobre as Exposições Universais como espaços e modelos de representação da modernidade.

Ao definir o conceito de modernidade como “um sentimento de ruptura com o passado”, Jacques Le Goff¹⁴, indica que a palavra “modernidade” é um conceito e ordenamento estritamente vinculado ao pensamento no Ocidente que avança e torna ordenados a razão, os campos da economia e da política.

Também o conceito de modernidade que está presente na obra de Marshal Berman¹⁵, que reflete e argumenta que a modernidade pode se relacionar sem aparentes rupturas e conflitos às transformações políticas, econômicas e sociais que surgiram advindas da I Revolução Industrial e da Revolução Francesa, que ocorreram na segunda metade do século XVIII, da consolidação do capitalismo no século XIX e da II Revolução Industrial na Europa também neste século. Apesar destas mudanças ocorrerem para além da Inglaterra, cabe indicar que foi neste país que se organizou e realizou a primeira Grande Exposição Universal em 1851. É o que vamos abordar de modo objetivo mais à frente em nosso trabalho.

Retornando a temática da modernidade, as pessoas e populações da Europa desse período viviam um trânsito entre este período da história e o período anterior onde os discursos, ideais e vocabulário ditos “*modernos*” ainda não podiam ser perceptíveis de modo concreto em máquinas e processos, onde a materialidade da modernidade iria estar presente, mas de forma gradual. Neste sentido, pode-se perceber uma dualidade e um hibridismo nas formas de viver e perceber a modernidade.

Na modernidade presente no século XIX, os sinais perceptíveis desta realidade e são percebidos pela forma mais célere na ação do homem: a construção de fábricas com

¹⁴ LE GOFF, Jacques. Modernidade. In: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contexto, pag. 297-301, 2005.

¹⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

combustão a carvão e de máquinas a vapor, a consolidação da imprensa e expansão dos meios de comunicação, por exemplo pelos telégrafos ligando os continentes por cabos submarinos, a expansão das cidades aliada ao desenvolvimento, tendo na sua base a lógica e as práticas capitalistas, onde a urbe deveria estar preparada para a produção em suas mais diferenciadas formas e processos, as ruas mais largas e transportes mais eficientes, a implementação da ligação e da redução das distâncias por linhas férreas e meios de transportes com mais passageiros e capazes de transportar maior volume cargas e produtos.

Nestes sinais estão presentes a validade material da econômica na modernidade, por suas práticas do capitalismo financeiro. Além desta concretização material, a modernidade está, se materializando da organização das nações e na identidade nacional neste período, que através dos sentimentos, dos discursos e dos símbolos de um nacionalismo, que vai emergir principalmente a partir das décadas de 1830 e 1840.

Estes movimentos nacionais vão propiciar mudanças políticas e geográficas importantes que vão dar uma alteração na configuração da economia, nas relações entre os países e nas mentalidades. Na economia, a formação dos conglomerados financeiros, industriais e comerciais para além das fronteiras das nacionais vão mudar as relações do comércio e das redes financeiras, um exemplo e modelo desta realidade são multiplicação das bolsas de valores que validaram o sistema de operação do e no capitalismo financeiro como um instrumento de controle econômico dos governos e das elites nacionais e neste conjunto de estruturas como parte fundamental das bases da modernidade no século XIX.

No campo das mentalidades, o paradigma da modernidade tem como exemplo a formação da consciência e da organização das classes trabalhadoras, da organização e divisão mundial do trabalho que vigora em quase sua totalidade até os dias de hoje, na definição e divisão concreta dos que se reconheciam como o proletariado (operários das fábricas e trabalhadores urbanos) e da classe patronal e da burguesia que se consolidou em definitivo, num processo que vinha em desenvolvimento desde a Idade Moderna e que se concretizou neste período, com organização do capitalismo e que expandiram as suas redes de relações e diversificações de atuação.

No século XIX, as ciências como a Antropologia, a Sociologia e a Arqueologia surgem e a História se torna o primado e ponto de validação das realidades dos discursos de fundação e manutenção dos projetos de nação e das nacionalidades para manter as bases da manutenção de tradições e privilégios. É neste século que a História, é elevada e reconhecida a categoria de ciência, organizando e sistematizando seus cânones metodológicos e as dando voz aos seus expoentes e interpretes dos eventos do decorrer da humanidade e de sus

personagens, esses variados modelos de interpretar e dar explicação e de usar recursos metodológicos diferenciados que posteriormente a historiografia via denominar *Escolas* (*Positivismos, Historicismo, Escola Metódica*) por exemplo onde cada uma realiza as pesquisa e os processos de produção historiográfica.

A Química, a Física, e as Ciências Naturais estavam durante o período objetivamente desligadas do controle das instituições religiosas e da mentalidade em que as explicações dos fenômenos natureza não eram originadas e nem interpretadas à luz dos ensinamentos sobrenaturais ditados pela fé e pelas religiões cristas, em particular do catolicismo, que vinha perdendo a hegemonia no processo de laicização das sociedades, partir da Reforma Protestante.

Esses cânones científicos do século XIX, segundo Sandra Pesavento¹⁶, estão presentes e podem ser tocados, no ambiente das Exposições Universais:

O século XIX foi, por excelência, um momento de transformação em múltipla escala. A população aumentara, as cidades cresceram e colocaram aos governantes toda uma sorte de exigências, desde a reordenação espacial, redes e redesenhando as ambiências, até o cumprimento dos serviços públicos demandados pelo “viver em cidades”. Produtos novos e máquinas desconhecidas atestavam que a ciência aplicada à tecnologia era capaz de tudo ou, pelo menos, quase tudo. O valor dominante era o do progresso, caro às elites que dele faziam o esteio de uma visão de mundo triunfante e otimista.

A modernidade presente nas exposições universais explicita todo potencial do sistema fabril e seus benefícios. A maneira didática como foram transmitidas às nações os modelos burguês e capitalista de progresso, de tecnologia e de razão tornam as exposições universais os instrumentais para tornar e viável as nações e as nacionalidades naquele período histórico do século XIX. Uma pedagogia visual que, a partir das máquinas, passavam a indicar a ideia de que toda ação humana estava inclinada à realização de sonhos que visavam ter como primado o conhecimento tecnológico, onde as mercadorias teriam a marca do futuro e incorporadas do fetiche, da magia e do encanto, que causavam na verdade encobriam e escondiam, o que tão celebrado modo de produção fabril que era causador na realidade da desvalorização e gerava a alienação do trabalho humano das mais diversas etapas¹⁷.

¹⁶ PESAVENTO. Sandra Jatahy, *ibidem*, p. 29.

¹⁷ COSTA, Maria de Fatima da Silva; MATTOS, Garcia de. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. *dObras[s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, v. 3., n. 6, p. 96-103, 2009.

Conforme Norberto Bobbio¹⁸, o que se escolhe como medida para indicar o progresso é a transformação das matérias da natureza em bens de consumo. Nesse sentido e medida, o homem a partir da Revolução Industrial está muito aquém dos homens da Idade Média, que tinham na sua relação com a natureza um tratamento além de uma produção de caráter artesanal e ainda de associação a explicações de origem sobrenatural num ambiente mágico-religioso.

No século XIX, a teoria do progresso alcançou seu apogeu na Europa Ocidental e nos E.U.A. Como indicado anteriormente, com a industrialização e mecanização do trabalho advindas da Revolução Industrial, a compreensão e conceito de progresso foram reformulados e associados às descobertas e invenções de caráter técnico-científico, ao evolucionismo e ao aparecimento das teorias historicistas.

1.3 Os discursos, as imagens das primeiras Exposições Universais de Londres (1851), e de Paris (1855) e o espaço dos trabalhadores presente nelas

➤ LONDRES, 1851

É preciso refletir sobre a questão do papel do proletário nas exposições universais. A participação deles e o papel dedicado a eles nesses espaços, bem como o processo de autorreconhecimento dos trabalhadores como uma classe social e os movimentos de solidariedade entre a classe operária já estavam presentes na primeira exposição universal, a *The Great Exhibition of the Works of Industry of All Nation*, inaugurada em 1º de maio de 1851. Esta exposição inaugural em Londres foi apresentada a missão e o caráter, como que sagrado e épico de realizar a reunião dos povos, criar os laços de solidariedade entre as nações nestes novos tempos de progresso, ciência e civilização. A indústria foi apresentada como o nível seguinte e superior do desenvolvimento humano, que ainda naquela temporalidade era tributado como uma dádiva divina. Esta liberdade de ação dos homens e do progresso da humanidade seriam a força motriz da construção de uma sociedade de bem-estar, no qual o mundo burguês e industrial almejava construir e doar em legado e benefício dos povos¹⁹.

¹⁸ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. v. 1, 11ª ed. Brasília: Editora UnB, 1998.

¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ibidem* p.73.

A *The Great Exhibition* foi inaugurada pela Rainha Vitória e contou com a presença de 20.000 pessoas. Nos 5 meses em que a exposição esteve aberta, recebeu mais de 6.036,195 milhões de visitantes que vieram para conhecer o novo mundo industrial e tecnológico, o mundo da ciência e do progresso, e para se deleitarem com as atrações de teor artístico e cultural e que contemplaram o arrojado e majestoso local sede da Exposição, o *Crystal Palace*. O Palácio era a concretização do futuro, como espetáculo da modernidade inaugurada com a exposição. A duração do evento foi de 1º de maio a 15 de outubro de 1851. No interior do Palácio, estavam os pavilhões das Matérias-Primas, das Máquinas, das Manufaturas e Belas Artes, que por sua vez eram divididos em mais de 30 categorias de itens. No Hall Principal, estava o Pavilhão das Nações²⁰.

No exterior deste grande complexo foi construído um projeto de Casas Modelo, que seriam as moradias para as classes trabalhadoras cujo objetivo era a melhoria para a habitação do proletariado inglês. Este empreendimento foi executado pela Sociedade para a Melhoria das Condições das Classes Trabalhadoras, cujo presidente era o esposo da Rainha Vitória, o Príncipe Alberto, que também foi o presidente da comissão que organizou a Exposição Universal. Sobre este empreendimento destinado ao proletariado inglês, o então príncipe de Gales, herdeiro do trono britânico, o príncipe Eduardo (futuro Rei Eduardo VII) fez o seguinte comentário em seu diário, sobre o projeto das moradias para as classes operárias:

I went very often to the Exhibition during the last week or two that we were in London & I went one day to see the Model Lodging House which has been built by Papa, & I went all over the rooms of it & saw all the furniture. Instead of one kitchen there was in every room a stove, that each family might have its cooking materials for itself (“Fui muitas vezes à Exposição durante a última semana ou duas em que estivemos em Londres e um dia fui ver a Model Lodging House que foi construída pelo Papa (papai), e fui por todos os quartos dela e vi todos os móveis. Em vez de uma cozinha, havia em cada cômodo um fogão, para que cada família pudesse ter seus próprios materiais de cozinha”).²¹

Nessas palavras vemos o olhar de um representante da nobreza, das elites aristocráticas e da burguesia sobre uma questão social importante para os trabalhadores, a questão da moradia e toda sua precariedade para os trabalhadores no século XIX, está realidade, reflexão e busca de soluções para esta questão já estão presentes nesta proposta de um “novo mundo”, inaugurado pelas Exposições Universais.

²⁰ Acessado em 22/05/2022: <https://albert.rct.uk/explore/themes/great-exhibition-of-1851/the-exhibition>.

²¹ Acessado em 22/05/2022: <https://albert.rct.uk/explore/themes/great-exhibition-of-1851/the-exhibition>

Neste mesmo evento, os operários britânicos receberam operários de outros países que trabalhavam na montagem dos pavilhões e mostruários de outras nações. Desses grupos de trabalhadores, destacam-se três delegações de operários da França: duas delas foram enviadas pela Assembleia Nacional e uma pela municipalidade de Paris. Estes operários em especial foram escolhidos por empresários da cidade, para indicar um reconhecimento da classe burguesa pela força de trabalho operária e essa delegação de operários foi custeada pela imprensa de Paris. A observação desses fatos indica que estava em formação a representação de uma identidade de classe: os trabalhadores industriais e urbanos, o proletariado das grandes cidades que estavam se consolidando²².

Karl Marx e Friedrich Engels, dois grandes intelectuais contemporâneos à Exposição Universal de 1851, indicaram suas críticas sobre a realização deste evento associado à exploração dos trabalhadores. Na visão de Marx e Engels, a exploração operária cresceu e se tornou mais agressiva com a consolidação do capitalismo e alienação do operariado por uma rede do capitalismo mundial, que servia muito mais a hegemonia econômica e do que a fraternidade e a unidade das nações e dos povos. Em um artigo na imprensa, ainda em novembro de 1851, é citado por Walter Plum²³, sobre as Exposições Universais:

A prosperidade da indústria será ainda incrementada pela [...] grande exposição industrial de 1851. Já em 1849, quando todo o continente ainda sonhava com revoluções, foi a exposição convocada pela burguesia com o mais admirável sangue frio. Ela convoca todos os seus vassallos, da França à China, para um grande exame, no qual eles devem demonstrar de que maneira utilizaram o seu tempo. [...] esse grande congresso mundial de produtos e produtores tem um significado totalmente diferente de congressos absolutistas [...] ou de congressos europeus-democráticos que os diferentes governos provisórios não cessavam de organizar para a salvação do mundo. [...] esta exposição é uma prova gritante da violência concentrada com a qual a grande indústria moderna modifica por tudo as barreiras nacionais, apagando mais e mais as particularidades locais na produção, as relações sociais e o caráter de cada povo. [...] Com esta exposição, na Roma moderna, a burguesia mundial edifica o seu panteon, onde ela mostra, orgulhosamente satisfeita de si mesma, os deuses que ela se criou [...] a sua maior festa no momento onde a derrocada de todo o seu esplendor está próximo [...].²⁴

Imagens da Exposição Universal de 1851, a *The Great Exhibition* em Londres:

²² PESAVENTO. Sandra Jatahy. Ibidem p. 81.

²³ PLUM, Werner. Ibidem pag.82.

²⁴ PLUM, Werner. Ibidem pag. 82-83.

Figura 1 – Litografia da visão externa do Pavilhão Central da I Exposição Universal, o *Crystal Palace*, da Exposição Universal de 1851, autoria de Dickinson Brothers



Fonte: Acessado em 14/10/2021: <https://www.bl.uk/britishlibrary/~media/bl/global/dl%20romantics%20and%20victorians/collection-items-manual/great-exhibition-068608.jpg>

Figura 2 – Litografia, de autoria de William Telbin, vista geral do interior do Grande Salão da Galeria das Nações, na I Exposição Universal em Londres, 1851



Fonte: Acessado em 14/10/2021: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/384432> . General View of the interior (from Recollections of the Great Exhibition).

Figura 3 – Fotografia das Casas modelo para moradia de trabalhadores construídas, de autoria Claude-Marie Ferrier, próximas ao Pavilhão Central, o *Crystal Palace*, na Exposição Universal de 1851



Fonte: Acessado em 14/10/2021: <https://www.rct.uk/sites/default/files/styles/rctr-scale-1300-500/public/collection-online/0/3/261223-1331639881.jpg?itok=yslwQp7v>

➤ **PARIS, 1855**

Depois de quatro anos, foi realizada uma nova Exposição Universal, agora na capital do país rival da Inglaterra desde a Idade Média e com quem o país havia travado, ainda no início do século XIX, um conflito bélico e comercial durante as Guerras Napoleônicas. Mas desde a segunda metade do XIX, a relação entre essas potências do continente estava distensionada e neste sentido político seria a vez da França ser o palco do espetáculo da modernidade, da ciência e da civilização entre os povos.

O pavilhão principal da exposição de 1855 não era o *Crystal Palace* (Palácio de Cristal) londrino que sediou a exposição de 1851, que remetia a um ideal de sociedade civilizada e desenvolvida que transpirava paz, ordem e harmonia. Na Exposição Universal de Paris, o pavilhão principal recebeu o nome de *Palais de l'Industrie* (Palácio da Indústria) e trazia na parte superior do seu pórtico de entrada estátuas que representavam a ciência, arte e a indústria conectadas pela palavra “futuro”. Desta forma, buscava manter viva e presente a crença do futuro que era o consolidador e ação concretizadora do bem-estar da sociedade burguesa e como consequente para as classes trabalhadora. O discurso de otimismo em que a força na razão e no trabalho humano sustentadas e balizadas na ciência e o progresso seriam os caminhos para conduzir a humanidade ao futuro.

O *Palais de l'Industrie* foi construído no Champs Élysées. O edifício tinha em suas dimensões 50.737 metros quadrados, 250 metros de comprimento e 108 metros de largura. Ao

contrário do *Crystal Palace*, que trazia ares de modernidade e futurismos em termos de engenharia e arquitetura, o *Palais de l'Industrie* (O Palácio das Indústrias), remetia suas formas às construções romanas e clássicas. Isso gerou críticas por parte da imprensa local, mas foi ressaltado por parte da sociedade que este novo edifício do progresso e do desenvolvimento não era uma cópia em estilo e forma do monumento inglês, que fora construído quatro anos para a primeira exposição universal.

Cabe ressaltar que com esta exposição a cidade de Paris inaugurou a tradição de ser a cidade que mais acolheu as Exposições Universais na Europa durante o século XIX. Ao todo foram cinco Exposições Universais, durante este século. Com a exposição de 1855 no *Palais de l'Industrie*, a França queria se apresentar como uma nação industrial, moderna e futurista com o objetivo de quebrar as imagens e os discursos que faziam referência ao país, desde o século XVIII, como um país agrário, atrasado socialmente e ainda sob a grande influência da religião que persistia ainda em muitos setores do país em relação e mesmo sobre a ciência, a modernidade e a tecnologia.

Compete ressaltar que algo de diferente em relação a organização das exposições que aconteceu em Londres quatro anos antes e a de Paris em 1855: enquanto a exposição de 1851 teve nas elites aristocráticas e burguesas, os protagonistas da realização do evento, na exposição de 1855 foi o estado francês foi o grande organizador do evento, tendo como um dos seus responsáveis diretos, o Imperador Napoleão III. Nesta exposição, um novo elemento foi revelado de modo inovador e que revolucionaria a representação nos séculos seguintes: a fotografia, apresentando um novo meio de reproduzir e dar validade a realidade dos grandes eventos, personalidades e eventos e logo depois se incorporando a imprensa²⁵.

Na história das Exposições Universais, a visualidade ocorre em dois níveis e motivos no campo da realidade e do no campo dos símbolos que validam os discursos e conceitos que já apresentamos anteriormente e que validaram a implantação e consolidação das exposições universais. Estas foram denominadas “festas do trabalho e do progresso”, onde eram comuns os termos inventividade, progresso, tecnologia e civilização. As exposições estabeleceram uma relação objetiva com a fotografia como o seu instrumento principal de divulgação e que vai progredindo a cada realização dos eventos.

No ano de 1851, quando foi inaugurada a Exposição Universal de Londres que tinha o objetivo de dar visualidade ao desenvolvimento industrial das nações, morria o inventor de uma das grandes invenções deste século: a fotografia. O francês Louis-Jaques-Mandé

²⁵ PESAVENTO. Sandra Jatahy, *ibidem* p. 84-85.

Daguerre o inventor do processo de revelação das imagens que recebeu o seu nome, o daguerreotipo.²⁶

A fotografia desde a sua invenção na década 1830, era um produto muito caro e destinado as elites e a aristocracia e sendo assim é um produto e objeto de caráter extremamente privado de pouca circulação na sociedade, mas com o advento das exposições universais este objeto de materialização da realidade passa para admiração e circulação de caráter amplo e um produto de cultura de massas como tudo que estava associado as exposições universais.

A fotografia torna presente e material a genialidade do homem através das maquinas movidas a vapor em escala industrial, da iluminação elétrica, a produção a partir de novos compostos químicos e tantas outras inovações que vem trazer aos olhos de quem as contemplava as maravilhas da nova era de tecnologia e o progresso para implantar um novo ideal de civilização com base nas ciências e no conhecimento.

Os discursos que prometiam o desenvolvimento a todas as classes e que viria trazer a justiça social entre as nações e sociedade e que iria contemplar a classe trabalhadora com moradia, estabilidade e ganho justo, na verdade consolidavam as práticas do capitalismo financeiro que se implanta no contexto da II Revolução Industrial. Pois só com uma burguesia financeiramente forte estável se tornou possível seguir com a realização do empreendimento de tanta grandiosidade e para alcançar grande parte do mundo civilizado no século XIX. Está junção do capitalismo industrial com o capitalismo bancário, que criou está conceito denominado capitalismo financeiro presente tão fortemente no século XIX e até os dias atuais. Como financiador do progresso, da ação civilizadora e da modernidade.

Na exposição universal de 1851, aquela inaugurou a “era das exposições”, a fotografia não teve um lugar de destaque no campo da representação das invenções associadas a arte e esteve modo até ao largo da grandiosidade do que se projeta aquele novo tempo de progresso e tecnologia inaugurada por esta exposição, na exposição seguinte a primeira que a capital francesa iria sediar durante o século XIX a fotografia ganhou espaço privilegiado no campo das artes industriais e associada uma forma de arte com proximidade a pintura.

Nesta exposição em Paris, a dinâmica da participação da classe operária foi a mais uniformizada possível e mesmo explicitada. Cabe ressaltar que nos meses anteriores a Exposição Universal ocorreu greves operárias no país. Mesmo com estas ocorrências, o papel dos trabalhadores foi celebrado como componente importante e, para justificar esta

²⁶ TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839/1889)*. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

relevância, foram propagadas mensagens de como os operários, eram os “colaboradores da indústria” e “cooperadores da produção e do progresso”, para indicar o espírito democrático e social do evento como estratégia de atenuar as críticas e as tensões já presentes entre a classe operária e a classe patronal.

Foi importante colocar em destaque o trabalho dos operários, alçando-o a uma grandeza similar a engenhosidade das máquinas, tornando a obra do progresso uma realização das indústrias (máquinas) e dos trabalhadores. E para dar validade e relevância mais relevância neste discurso e entendimento, foram premiados os chefes e donos e indústrias daqueles operários que se destacavam nas fábricas em suas atividades laborais²⁷.

Imagens da Exposição Universal de 1855, em Paris:

Figura 4 – Fotografia do Palácio das Indústrias (Palais d l’Industrie), de autoria de Édouard Baldus, o Pavilhão principal da Exposição Universal de 1855, em Paris



Fonte: Acessado em 14/10/2021: File:Palais de l'Industrie - Édouard Baldus.jpg - Wikimedia Commons

²⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ibidem*, p. 88-91.

Figura 5 – Fotografia do Pavilhão das Maquinas, autor desconhecido, dentro complexo construído para a Exposição Universal de Paris em 1855



Fonte: Acessado em 14/10/2021: <https://i.pinimg.com/564x/22/10/19/22101968edc3ce294843c2ab093d1d31.jpg>.

Os números de visitantes da Exposição Universal de Paris em 1855 se aproximam do público da Universal de 1851: durante o período de realização da exposição entre 15 de maio a 15 de novembro deste ano foram 5.162.330 visitantes, dos quais aproximadamente, 4,2 milhões entraram na exposição industrial e 0,9 milhões entraram no pavilhão “Beaux Arts” (Belas Artes). A exposição abrangeu 15,200 hectares com 28 países participantes. O nome oficial do evento foi *Exposition Universelle des produits de l’Agriculture, de l’Industrie et des Beaux-Arts de Paris 1855* (Exposição Universal de Produtos da Agricultura, da Indústria e de Belas Artes de Paris em 1855).²⁸

Se na primeira exposição universal eram as máquinas, a indústria e a mecanização da produção em nível mundial que estavam no objetivo do evento, a segunda exposição de 1855 associava à produção industrial e ao progresso a indispensável produção da natureza e genialidade traduzida nas belas artes, como elemento de união entre o desenvolvimento científico e a cooperação da ação dos homens. Ciência, tecnologia, produção industrial, inteligência, harmonia, paz, civilização e a força ditariam o repertório e os projetos de hegemonia e representação contidos nestes eventos.

²⁸ Acesso em: 22/09/2021 em: <https://www.bie-paris.org/site/fr/1855-paris>.

1.4 As nações e o nacionalismo presente nas exposições universais

As Exposições Universais foram uma vitrine e arena privilegiadas do discurso nacionalista. Ali eram encenadas práticas e mentalidades, no século XIX, no contexto da formação das nacionalidades, das nações e suas políticas de expansão imperialista na consolidação do capitalismo financeiro e industrial. A definição de nação no século XIX, foi interpretada e compreendida por intelectuais contemporâneos deste período.

No célebre e clássico texto sobre a definição das nações e do nacionalismo no século XIX, Ernest Renan²⁹ interpreta e apresenta as nações como a resposta espontânea e da vontade das comunidades e sociedades com o objetivo de construir a vida comum para homens e mulheres que teriam um papel fundamental na obra de civilização, progresso e desenvolvimento. Para Renan, as nações surgem como resposta de um espírito sadio e de um chamamento moral de consciência.

Outro intelectual entre o final do século XIX e início do século XX, Otto Bauer³⁰, indica que a nação é o reconhecimento de uma comunidade diante dos elementos estrangeiros e como eles se reconhecem, dialogam, atuam e interagem entre em si. Outro signo importante para Otto Bauer é o desenvolvimento educacional que se impôs no século XIX, como uma necessidade instrumental para o desenvolvimento das sociedades e dos cidadãos na concepção do capitalismo industrial que estava sendo implementado neste período.

Recorrendo às reflexões de Anne-Marie Thiesse³¹ para compreender a construção da nacionalidade no século XIX, foi o caráter de romantismo na construção da história das nacionalidades que prevaleceu no ideário e nos discursos presentes no ambiente das exposições universais. Isso pode ser aferido, por exemplo, no discurso de inauguração da Exposição Universal de 1855 em Paris, pelo Imperador Napoleão III, onde ele conclamava as nações que participavam das Exposições, que estes eventos eram os signos de encontros que promoviam e perpetuariam a harmonia entre os povos, a cooperação entre as nações pelo progresso técnico e até busca para dar fim e extinguir a pobreza, por meio do auxílio e da cooperação as associações operárias.

²⁹ JUNIOR, Samuel Titan. **Que é uma nação? De Ernest Renan.** *Plural-Revista de Ciências Sociais*, v. 4, n. 1, p. 154-175, 1997.

³⁰ BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 45-83.

³¹ THIESSE, Anne-Marie. **Ficções criadoras: as identidades nacionais.** *Anos 90*, v. 9, n. 15, p. 7-23, 2001.

Cabe aqui indicar que, em meio a inauguração da Exposição Universal de 1855, acontecia uma guerra no leste da Europa deste 1853, a Guerra da Crimeia³², onde a França era uma das principais nações envolvidas no conflito.

A exatamente 150 anos a mesma região da Crimeia e outras regiões do país que hoje é a Ucrânia e que novamente vive uma guerra na atualidade³³, que naquele época faziam parte do Império Russo, estava em conflito, com o então existente Império Otomano (a atual Turquia e outras países da Europa e do oriente Médio), e que fazia parte da coalização em que o Reino Unido, o Império da França, do Impérios Austríaco e do Reino da Sardenha contra o Império Russo pelo controle da cidade de Constantinopla (atual Istambul), do estreitos do Bósforo e de Dardanelos³⁴

Retornando a nosso assunto principal deste capítulo e tópico de nossa dissertação, desta forma, o apelo à harmonia contido nos discursos oficiais do anfitrião, o imperador Napoleão III, estava em conflito com a realidade política e de conflitos que se desenrolavam naquele no leste da Europa e os objetivos que a Exposição Universal de 1855, tinha como missão de apresentar aos convidados e visitantes.

Durante a exposição, foi de grande solenidade a recepção no Palácio das Indústrias da rainha Vitória e do seu esposo, Príncipe Alberto, que foi no Reino Unido em 1851, presidente da comissão que organizou a primeira Exposição Universal. Os soberanos são as pessoas retratadas em primeiro plano no centro do palco na parte inferior da fotografia (figura 06).

Esta imagem, evidencia o discurso e o sinal da representação da cooperação e amizade entre as nações e como os países que se apresentavam como expoentes de modelos civilizatórios estavam em diálogo e harmonia pelo progresso e pelo desenvolvimento dos

³² Acesso em: 22/05/2023: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra da Crimeia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Crimeia).

³³ Na Guerra de iniciada em 2022, após a invasão efetiva da Rússia para além dos territórios já anexados desde 2014 quando a comunidade internacional não passou além de condenações, mas deste se iniciaram os primeiros ataques a Kiev em 24/02/22, se formou uma coalizão internacional de apoio logístico, bélico e humanitário a Ucrânia contra a Rússia que depois de diversas ameaças efetivamente as cumpriu e invadiu novamente as fronteiras da Ucrânia como já tinha feito a 08 anos antes, mas como indicado sem resistência do governo da época da Ucrânia e da comunidade internacional sem resistência, mas, neste novo conflito nesta histórica e emblemática região da Europa está gerando a maior crise refugiados e deslocados de guerra na Europa desde a II Guerra Mundial. Esta conexão e reflexão de minha parte indica que eventos de caráter mundial como as Exposições Universais, Jogos Olímpicos da Era Moderna que também surgiram no final do século XIX por exemplo, desde longa data não tem o poder de parar as hostilidades e projetos de imperialismo e contra as leis internacionais do mundo que visam dar estabilidade e normalidade na relação entre os países que tem relações instáveis a séculos ou décadas.

³⁴ Acessado em 22/06/2023: <https://www.estadao.com.br/alias/entenda-a-relacao-entre-a-guerra-da-crimeia-e-o-conflito-atual-na-ucrania/>. *Entenda a relação entre a guerra da Crimeia e o conflito atual na Ucrânia - No passado, como hoje, a corrupção prejudica as condições na linha de frente; ninguém mais acredita no governo.*

povos. Na imagem abaixo, podemos ver este encontro dos soberanos das duas maiores potências militares e econômicas da Europa naquele momento.

Figura 6 – Fotografia da visita da Rainha Vitória e do príncipe Alberto da Inglaterra, a Exposição Universal de 1855 em Paris, de autoria atribuída a Thomas R. Williams, sendo recepcionados pelo Imperador Napoleão III e a Imperatriz Eugenia, no Palais d'Industrie



Fonte: Acessado em 14/10/2021: <https://puam-loris.aws.princeton.edu/loris/INV17739.jp2/full/full/0/default.jpg>

Outro aspecto presente nas Exposições Universais no século XIX é o seu caráter didático e formador da consciência da nacionalidade dos países que os sediavam. Neste sentido, cada país que sediava o evento, precisava deixar uma marca para despertar o sentido

de orgulho nacional como instrumentos de propaganda daquela nação para o público nacional e para as nações que participavam das exposições.

Como exemplos já foi citado, o *Crystal Palace*, na I Exposição Universal construído em Londres em 1851, o palácio sediou novamente o evento em 1862, o *Crystal Palace*, permaneceu como monumento não apenas daquele momento histórico, mas como modelo de representação do futuro e do desenvolvimento pela nova ordem e estilo de vida da sociedade burguesa consolidou nas décadas seguintes. O monumento permaneceu de pé até a década 1930, quando foi destruído por um incêndio³⁵.

Outro monumento que surgiu durante as Exposições Universais e que trazia o discurso e o símbolo de harmonia entre os povos é a Estátua de Liberdade. Este monumento foi apresentado pela primeira vez na Exposição Universal de Paris em 1878, ainda de forma inacabada. A estátua foi projetada e construída como um presente da França aos E.U.A., por ocasião do primeiro centenário de sua independência, comemorado em 1886, pois nesta data em 1786 foi realizada a assinatura Tratado de Paris, que decretou a paz entre os ingleses e os estadunidenses e da promulgação da Constituição dos E.UA.

A Estátua da Liberdade de autoria de do escultor francês Frédéric Auguste Bartholdi, evoca a força da cooperação entre os povos e uma exaltação da democracia republicana, porque desde 1871, a França voltaria ao regime de governo republicano. O monumento foi um presente entre as nações republicanas que simbolizam a evolução política em oposição aos regimes monárquicos que evocavam o atraso, segundo um grupo de intelectuais e pensadores políticos do século XIX. A estátua trazia em si a mensagem dos simbolismos políticos e nacionalistas, além da concretização de novas técnicas de arquitetura, engenharia e construção, advindas dos novos processos e máquinas que surgiram das inovações como consequência natural do progresso científico presente nas Exposições Universais no século XIX.

Como signo incontestável da liberdade nestas duas nações, esta obra de escultura e arquitetura, que fazia louvação a democracia, trazia também uma louvação a mecanização, que assumiria a forma humana de uma mulher que com tocha a mão trazia a luz das liberdades a defesa da harmonia dos povos entre os dois continentes³⁶.

Outro monumento mundialmente conhecido que foi construído para ser objeto de exaltação da tecnologia e da genialidade humana, nestas novas sociedades e civilização

³⁵ PLUM. Werner, *ibidem* p. 30.

³⁶ PLUM, Werner. *Ibidem* p. 30-31.

presentes nas Exposições Universais, é a Torre Eiffel, de autoria do engenheiro francês, Gustave Eiffel³⁷. Ela foi construída e instalada para a Exposição Universal de 1889 no Champ de Mars em frente ao pavilhão principal das Exposição, a Torre Eiffel foi e é até hoje o principal símbolo deste evento e da nacionalidade francesa até os dias atuais e anualmente atrai milhões de visitantes. É importante indicar e marcar que a Exposição Universal de Paris em 1889, tinha como objetivo celebrar o novo marco civilizatório, de caráter burguês e industrial, à luz do grande evento histórico que completava naquele ano seu 1º centenário: a Revolução Francesa de 1798 que, junto a Revolução Industrial da segunda metade do século XVIII, inaugurou a fase mais moderna da humanidade até aquele momento.

Cabe-nos aqui um registro importante, que nesta Exposição Universal a maioria das nações em o regime de governo era monarquia decidiram não participar e realizam um boicote a Exposição Universal de Paris em 1889, pois ela celebrava justamente o fim do Antigo Regime representado pelas monarquias e a inauguração do modelo republicana de governar as sociedades sob o patrocínio das classes burguesas, que numa leitura muito simplista poderíamos dizer que finalmente tinham chegaram ao poder na Revolução Francesa em 1789. Os 300 metros de altura da Torre Eiffel em aço tornavam concreto e presente que o novo meio de vida baseado na produção industrial estava marcado na nacionalidade dos franceses como signos de liberdade, progresso e evolução científica e política³⁸.

1.5 O Império do Brasil nas exposições universais: a nação em busca do progresso e particularidade de sua civilização das Américas

O Império do Brasil viria a participar efetivamente com uma representação de um pavilhão na Exposição Universal de Londres em 1862. O Império do Brasil tinha pelo menos três objetivos ao participar das Exposições Universais no século XIX:

- 1º - Ser a representação da civilização moderna, científica e tecnológica nos conceitos do século, nas Américas;
- 2º - Apresentar-se e construir-se como nação que busca o progresso técnico, que assume e deseja o desenvolvimento econômico e científico para estar no hall das nações; 3º - E

³⁷ Acessado em 02/07/2023: <https://inbec.com.br/blog/gustave-eiffel-historia-por-tras-torre-prevista-para-ser-destruida-20-anos-apos-sua-construcao>.

³⁸ PLUM, Werner. Ibidem, p. 31-32.

representar-se interna e externamente para consolidar a nacionalidade brasileira e manter a unidade nacional e validar o sistema monárquico e a pessoa do Imperador como garantidores da unidade nacional³⁹.

A participação do Brasil de modo efetivo e integral traduzia a ideia de vitrine presente nas exposições universais, de estar plenamente inserido no “mundo civilizado”, como já citamos anteriormente e estar em sintonia com a modernidade para afastar a imagem de um país apenas pitoresco e excêntrico em suas representações diante do mundo. Estar nas exposições universais era o mecanismo de ingresso pleno no sistema de participação cultural e política tão caro às sociedades burguesas neste período. Maria Inês Turazzi indica-nos que ideal civilizatório e científico o Brasil perseguia conquistar no século XIX e na participação das exposições universais,

Sublinhada pela ideologia do progresso, a “abundante riqueza” do país é vista e projetada, no contexto da divisão internacional do trabalho, como matéria-prima da exploração econômica, do crescimento urbano e da transformação social. Por outro lado, em que pesem estas nossas vantagens antropológicas, históricas e naturais, para o discurso dominante, só o contato fecundo com o “continente civilizador”, iluminando o país com as luzes da Europa e o reconhecimento da França, é que podia nos fazer transpor o atraso e caminhar com segurança em direção ao progresso.⁴⁰

O Brasil Imperial participou das Exposições Universais de 1862, 1867, 1873, 1876 e 1889 e apresentava-se como uma Nação de alto teor civilizatório por seu sistema de governo que assemelhava as nações europeias guardiãs do modelo de civilização. O Brasil era, na visão dos operadores de estado imperial, o responsável por apresentar o país para o hall das nações. Apesar da contradição de ter cerca de 70% de sua mão de obra estabelecida na escravidão de negros desde fins do século XVI⁴¹, era também a nação da força e do exotismo tropical, representada pela presença dos indígenas que tributaram a população uma coragem e amor pela terra. Estes são elementos bases dos discursos nacionalistas do século XIX utilizados como instrumentos estéticos e literários do romantismo deste período no Brasil.

O Brasil também era apresentado como a nação da abundância, da beleza e da diversidade de aves, de peixes, dos animais selvagens e das plantas. Estes eram os elementos que representavam uma terra de exotismo quase paradisíaca. Afirmava-se não haver

³⁹ CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *Ibidem* p. 213.

⁴⁰ TURAZZI, Maria Inez. *Ibidem* p.94.

⁴¹ AMADEO, Maria Eliza de Souza Gomes. **O Catálogo de Exposição de História do Brasil (1881): documentando a nação**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pag. 60.

contradição entre ser um país governado com as heranças do Antigo Regime, onde a monarquia, ou seja, o Imperador possuía um poder de controle quase total do sistema político, e possuir na escravização de negros a instituição base da economia nacional.

Reafirmamos que a participação do Império do Brasil, nas Exposições Internacionais tinha o papel não apenas de propaganda do país no cenário internacional, mas também de afirmação para a população nacional da nossa singularidade e grandeza como um país vasto, um Império, como um modelo para os cidadãos e para os países vizinhos. O Brasil era “um fragmento da Europa nos trópicos” e, neste sentido, um modelo civilizatório a ser seguido e exaltado com orgulho pelos seus habitantes.

Também no âmbito interno foram realizadas Exposições Nacionais no contexto de representação das nações no século XIX. Tomando a compreensão de Ana Maria Mauad em relação à produção de imagens (fotografias, pinturas, gravuras, litografias e afins), podemos dizer que elas eram um exercício de “imagem e autoimagem”, de monumentos e ornamentos que tinham como objetivo representar a nação e nacionalidade a partir da figura do Imperador e da família imperial como modelos de representatividade civilizatória e guarda da identidade nacional⁴².

O Brasil realizou exposições nacionais aos moldes das exposições universais em 1861, 1866, 1873 e 1875 e também participou de uma exposição de caráter continental em Buenos Aires em 1882, que adotou o discurso da nação como signo civilizatório nos trópicos e nas Américas.

E importante quantificar o público em cada uma das Exposições Nacionais para indicar a importância que estes eventos tinham como instrumentos de propaganda do Estado, das elites e principalmente para dar ao público interno a mensagem e informação de quão importante era a preparação para participação do Império do Brasil nas exposições universais.

A I Exposição de âmbito nacional de caráter exclusivamente preparatório para a presença do Império do Brasil na Exposição Universal de Londres em 1862, teve sede na capital do país, no Rio de Janeiro na Escola Central no Largo de São Francisco e foi organizada pelo Ministério do Comércio e Obras Públicas, criado em 1860 e junto a este órgão do governo imperial estavam a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SIAN) que também apoiou a consolidação nos primeiros anos de fundação existência do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), nos anos 1830 e isto denota como a elite industrial e agroexportadora do Brasil apoia o desenvolvimento da nação a partir de seus

⁴² MAUAD, Ana Maria. **Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado**. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). *História da Vida Privada no Brasil, 2: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 181-232.

interesses e estratégias de modernização do estado. Outra entidade que organizou este evento foi o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (IIFA) e cabe ressaltar que estes três atores institucionais foram os organizadores de todas as Exposições Nacionais seguintes.

O público que ocorreu para visitar os pavilhões da exposição foi de 50.703 visitantes e o sucesso deste primeiro evento impulsionou os seguintes. Cabe indicar que este evento fora inaugurado na data do aniversário natalício de Dom Pedro II, em 02 de dezembro de 1861, e também foi o primeiro evento público de estado no qual as princesas D. Isabel e D. Leopoldina participaram. Esse fato indica-nos a importância dada estes eventos, como empreendimentos de estado apoiados pelo Imperador e sua família que ao dar a sua presença, dava o entendimento de quais eram os interesses das elites políticas e econômicas do Império.

A partir da primeira Exposição Nacional da Indústria, nos indica Lucia Guimarães⁴³, espalhou-se pelo país uma “febre de exposições” por algumas das províncias e cidades e traziam em si o mesmo objetivo da exposição nacional de levar os seus produtos até o grande evento de caráter universal onde o Império do Brasil se faria representar pelos seus produtos. As grandes exposições nacionais seguintes tiveram a presença de visitantes tão numerosas quanto ao primeiro evento.

Apresentaremos algumas ilustrações presentes no chamado, Álbum de Recordações da Exposição Nacional de 1861 na técnica chamada litografia que era um processo de representação anterior ao do processo fotográfico, este documento traz imagens da celebração deste grandioso evento está documentado em imagens internas, de peças, itens presentes no evento. E também trouxe algumas ilustrações do pavilhão do Império do Brasil na Exposição Internacional de Londres em 1852.

⁴³ GUIMARÃES, Lúcia. Exposições. In: VAINFAS, Ronaldo. (Dir.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 252-253.

Figura 7 – Gravura, de Henrique Fleuiss, do Palácio das Exposições, sede da I Primeira Exposição Nacional de 1861, no dia inauguração em 02 de dezembro, no Rio de Janeiro



Fonte: Acessado 25/06/2022. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon147/5910/icon1475910.jpg. In: Recordações da Primeira Exposição nacional de 1861. Fundo Henrique Fleuiss.

Figura 8 – Ilustração, estátua de Bronze do Imperador Dom Pedro II, feita para a I Primeira Exposição Nacional de 1861, pág. 07, da publicação Recordações da Exposição Nacional de 1861. Instituto Artístico de Fleuiss Irmãos & Linde, Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 1862



Fonte: Acessado em 22/05/2022: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1475910/icon1475910.jpg. In: Recordações da Primeira Exposição nacional de 1861.

E foi na III Exposição Universal que se realizou pela segunda vez, em Londres, foi quando pela primeira vez que o Império do Brasil participou de maneira física e com um stand de dimensões pequenas e um catálogo, que apresentou o país mais como o Império nos Trópicos, habitados pelos cidadãos das elites políticas e agrárias que buscavam o progresso e a civilização e viviam em harmonia com a população Indígena, e esta parte dos cidadãos do Império que foi apresentada com uma das marcas fortes da nossa nacionalidade, até com maior relevância do que nossas máquinas e produtos agroindustriais⁴⁴.

Figura 9 – Ilustração do pavilhão do Império do Brasil, na III Exposição Internacional em Londres, 1862, pag. 49, da publicação Recordações da Exposição Nacional de 1861. Instituto Artístico de Fleiuss Irmãos & Linde, Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 1862



Fonte: Acessado em 22/05/2022: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1475910/icon1475910.jpg.

Na segunda exposição nacional de 1866 que foi preparatório para exposição universal de Paris em 1867 foram 52.824 visitantes. Ela foi instalada no prédio da Casa da Moeda, onde hoje funciona o Arquivo Nacional em frente ao Campo da Aclamação (hoje, Praça da República), ela foi inaugurada em ato solene em 19 de outubro de 1866, com salva de canhões da artilharia imperial e a presença do Imperador Dom Pedro II, onde sua majestade destacou a

⁴⁴ NEVES, Margarida de Souza. A “Machina” e o Indígena: O Império do Brasil e a Exposição Universal de 1862. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (org.). **Ciência, Civilização e Império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 173-206.

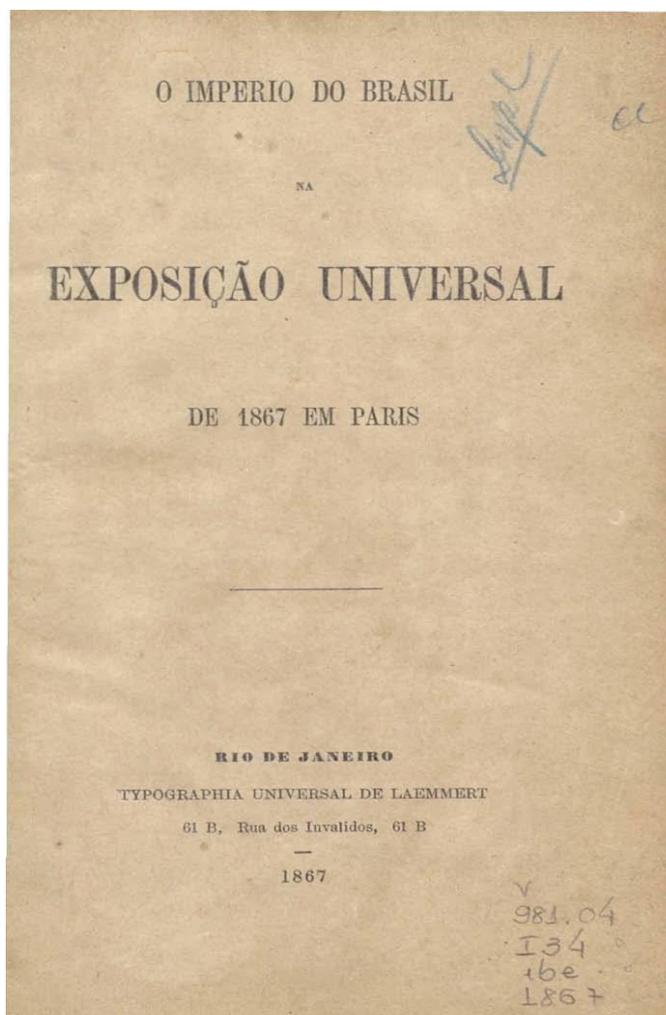
importância deste novo que apresentava a diversidade de produtos e maquinários vindos das províncias do Império e as riquezas e exuberância do nação em seu caminho para a prosperidade do país e das iniciativas para a “causa da civilização”, o evento durou três meses e se encerrou em 16 de dezembro.

Na II Exposição Nacional foram colocados em exibição para o público 20.128 itens divididos em 35 classes separados em 05 grupos diferentes, ao todo o número de 2374 expositores das províncias do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Bahia, corte (a cidade do Rio de Janeiro na condição de município neutro, a capital do Império) e toda a província do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande de São Pedro do Sul. As províncias de Minas Gerais e do Espírito não participaram desta II Exposição Nacional, que embora teve a duração de apenas dois meses teve o dobro de itens e de expositores em relação a I Primeira Exposição Nacional de 1861.

Nesta II Exposição Nacional, a fotografia teve lugar de destaque com uma sala específica para os expositores, que chegaram ao todo 15 estúdios de fotografia nacionais e internacionais. Que distribuiu muitos prêmios aos expositores que apresentaram coleções fotográficas de paisagens da cidade do Rio de Janeiro, cabe ressaltar que o Presidente do Júri da Classe de Fotografias e Belas Artes, foi o já famoso pintor a época Victor Meirelles, que em seu relatório sobre as atividades do júri apresentou a história da criação da fotografia desde suas origens até aquele momento e também apresentou os diversos processos técnicos e científicos do processo de produção e confecção das fotografias.

Sobre o registro para a posteridade desta Exposição Nacional de 1866, também uma diferença em relação a primeira Exposição de 1861, onde foi preparado um álbum com litografias com registos dos itens que estavam na exposição de 1861 e do pavilhão do Império do Brasil na Exposição Universal de Londres em 1862. Na exposição nacional de 1866, o álbum de recordação foi todo em fotografias, que trazia imagens do exterior e do interior da exposição, com grande realismo e detalhes não visualizados antes, colocando neste sentido o Império do Brasil, em sintonia com os avanços tecnológicos presentes nas Exposições Universais.

Figura 11 – Folha da página 03 do Catálogo do Império do Brasil para Exposição Universal de Paris de 1867, do exemplar que pertence ao acervo da Biblioteca do Senado Federal e está digitalizado



Fonte: Acessado em 22/05/2022: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242455>. Comissão Brasileira na Exposição Universal (1867: Paris, França).

O Catálogo tinha a função de apresentar o país através dados estáticos como números da população, da produção agrícola, industrial e de forma descritiva e de relatórios apresentar os temas como a geografia, o clima, a organização política, os direitos dos brasileiros e dos estrangeiros, a instrução educacional no país e os números de bibliotecas por exemplo além de outros temas. Esse documento era redigido por uma comissão nomeada pelo Conselho de Estado e pelo Ministério do Império para tal objetivo e depois era revisado pelo próprio Imperador. Versões em inglês, alemão e francês também eram publicadas.

Gostaríamos de indicar que não temos ainda o número com exatidão ou próximo da realidade de quantos exemplares eram confeccionados para cada participação do Brasil nas Exposições Universais, mas os indícios podem nos indicar que deveriam ser entorno de 200 a 400 exemplares publicados para a distribuição.

O Catalogo preparado para a Exposição Universal de Paris de 1867, possui 198 páginas e foi impresso na Typographia Universal da Laemmert (TUL), que fica situada na Rua dos Inválidos, nº 61B⁴⁵.

É importante, indicar que 1867, o Brasil está na metade da Guerra do Paraguai e isto fica explicado de modo objetivo na página 03 do catálogo⁴⁶, e que inúmeras dificuldades foram encontradas para a realização da exposição nacional de preparação para a Exposição Universal de 1867 e esta dificuldade não permitiu realizar um apanhado mais concreto das realidades da nação em suas diversas potencialidades naquele momento.

O Catalogo está dividido em duas partes. Na primeira está sendo apresentado país de modo amplo nas suas realidades geográficas, políticas, de população, instrução e educação, cultura e produção científica, produção agrícola e pecuária, estáticas da população, a quantidade das estradas de ferro e seus nomes e muitas outras informações sobre o Império do Brasil. Na segunda parte tem relação dos objetos que serão enviados e estarão em exposição do pavilhão do Império do Brasil durante a Exposição Universal daquele ano e que justamente apresentado como **“CATALOGO DOS OBJETOS ENVIADOS PARA A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1867”**.

A primeira página primeira parte do Catalogo se inicia com o que os seus autores chamam de **“BREVE NOTÍCIA SOBRE O IMPERIO DO BRAZIL”**, que das páginas da 05 a 29, que se refere a numeração original do documento trata dos aspectos geográficos e de uma estática do número de habitantes divididos pelas províncias do Império.

Ao apresentar número da população nacional é apresentado um dado de referente um recenseamento que apresenta uma estatística que data dos anos 1817-1818, quando o Brasil ainda era parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e não era ainda a grande Nação e Império independentes de Portugal por obra do próprio Príncipe Regente e das elites políticas e econômicas principalmente da corte no Rio de Janeiro e neste sentido um

⁴⁵ BRASIL. O Império do Brasil na Exposição Universal de 1867 em Paris. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Lammert, 1867. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242455>. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. O Império do Brasil na Exposição Universal de 1867 em Paris. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Lammert, 1867. Op. cit., pag.03.

BRASIL. **O Império do Brasil na Exposição Universal de 1867 em Paris**. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Lammert, 1867. Op. cit., pag. 05-29.

dado com defasagem de 50 anos e que trazia o número geral da população que trazia a seguinte expressão: “11,780,000 almas” está expressão indica como a linguagem de caráter religioso e catequético estava presente nos documentos oficiais do estado, mas o catalogo ao seguir com as informações sobre a população trata e ressalta e coloca em categorias inferiores e usa a expressão que “talvez” hajam na população do Império os números de habitantes de dois elementos fundamentais da população do Brasil: os índios que estavam contatos em **“500,000 indígenas não civilizados”** (meio milhão de população de indígenas que habitavam no país naquele momento do início do século XIX) e os negros que estavam apresentados em **“1,400,000 escravos”** (uma população negra de um milhão de 400 mil habitantes que não tinham naquele momento no ano de 1867 e pior ainda quando foi realizado o censo a 50 anos antes qualquer direito ou natureza de caráter jurídico sequer).

A tabela com os números da população, indicando qual o número da população livres, de escravos e de **“indígenas errantes”** esta divisão da população traz em si a grande contradição dos políticos e dos agentes da administração do estado imperial no Brasil ao entenderem o conceito de progresso, ideias liberais e civilização naquele momento no século XIX, porque uma nação que se apresentava e pretendia ser uma extensão da Europa nos trópicos ou seguir o exemplo de desenvolvimento econômico e assimilar a cultura, as práticas e estilo de vida burguês / capitalistas daquele período que era a essência das Exposições Universais tinha na escravidão e na mão de obra de negros escravos a base da força de trabalho nacional e da economia do país.

Ao indicar e classificar na tabela de número de habitantes, os índios como elementos da população são adjetivados como errantes, na nossa compressão os coloca em categoria inferior daquela que a literatura e as representações iconográficas deste período onde o índio era em muitos documentos oficiais, representações artísticas e de propaganda do Império um dos símbolos da nacionalidade do Brasil. Outro aspecto que ressaltado sobre a condição e a natureza dos indígenas e de que administração pública do Império por dotação orçamentária votada anualmente na Câmara e no Senado do Império que se destinava a catequização e a civilização dos índios, a preservação de aldeamentos já existentes e **“fundação de novos”**, a instrução religiosa e habitua-los ao trabalho para o bem próprio dos índios e do Império.

Objetivamente detectamos durante o percurso da pesquisa que no discurso oficial e extra-oficial que estava carregado do romantismo foi assimilado pelo nacionalismo no Brasil do século XIX, o indígena era o signo da força, da bravura, do amor pela terra e pelos coirmãos deste grande império, mas, por uma parte importante dos agentes da administração do estado imperial eles na verdade eram elementos que ainda possuíam um estado de barbárie,

está mesma barbárie que a propaganda e os discursos oficiais que afirmavam que o Império do Brasil lutava contra o Solano Lopez e os paraguaios na guerra e que o Brasil ser um monarquia de caráter constitucional, também era uma expressão desta civilidade aos moldes europeus, tendo em seu entorno todos os países sendo fundados e governados sob o regime republicano.

No caso dos negros, existe uma explicação da necessidade da manutenção da mão de obra escrava de africanos e de seus descendentes que naquele momento, ou seja, naquele ano de 1867 tem ocupado a atenção do governo imperial e dos agentes administrativos do estado imperial como foi explicado a *Comissão francesa de emancipação* (esta é uma das associações internacionais da época que combatiam e questionavam a manutenção da escravidão no século XIX).

O texto do Catalogo, afirma que naquele momento histórico os negros eram tratados com humanidade, bem alimentados e bem alojados. E que o trabalho não era tão, mas duro e opressor como nos inícios da instituição da escravidão dos negros africanos como nos séculos anteriores. Neste atual momento da história do Brasil, os negros tinham tempo a noite para o descanso e suas práticas religiosas e ainda muitos possuíam as suas próprias lavouras e roças para seu uso particular, como um ato de bondade e auxílio dos fazendeiros e senhores de escravos.

Enfim a escravidão era justificada como meio principal de mão de obra para a produção das riquezas e da realização da economia do país. E que os negros já não eram maltratados como nos séculos anteriores, porque o a nação se tornou e aprendeu ser civilizada. Está uma contradição insanável para um país que se apresentava civilizado e que buscava o modelo de progresso e ciência aos moldes das nações civilizadas, burguesas e capitalistas daquele período e no ambiente das exposições internacionais.

Outro aspecto destacado nesta primeira parte do catalogo são indicação das três bacias hidrográficas e de seus rios mais importantes que constam na página 08 do documento⁴⁷, que são os Rios Amazonas, Paraguai e o São Francisco e seus afluentes com suas extensões. Em seguida vem uma apresentação e uma descrição do clima com as suas variações de sol, ventos e chuvas no vasto Império do Brasil e de suas temperaturas nas regiões e províncias. Segue apresentação dos minerais que são uma expressão das riquezas da nação e depois a vegetação e a fauna do império que é descrita de modo a apresentar uma grande quantidade espécies que traduzem a exuberância de suas riquezas naturais.

⁴⁷ BRASIL. **O Império do Brazil na Exposição Universal de 1867 em Paris**. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Lammert, 1867. Op. cit., pag. 08.

Na segunda parte do Catalogo, como indicamos anteriormente estão relacionados todos os objetos que vão ser expostos no espaço onde o Brasil iria montar o seu pavilhão de exibição para os organizadores, juízes das competições de produtos, maquinas e afins e para os visitantes. Estes produtos estão organizados em 10 grupos de produtos e itens e em Classes ou categorias específicas dentro dos grupos, que vão chegar ao impressionante número de 1523 objetos e temas em exibição relacionados no Catalogo. Sendo a produção agrícola e em particular a de café com todo o seu processo de produção apresentado, sendo este o maior e mais detalhada dos itens

Mas este mesmo país trazia em si a contradição de manter a sua força trabalho, de geração de riquezas e de mão de obra com base na escravidão dos negros africanos e seus descendentes e justificar está intuição como o meio da manutenção da organização econômica e social do país e fazendo isto através de discursos oficiais como apresentados no texto do documento.

Voltamos a indicar o número de visitantes para a terceira exposição nacional em 1873 preparatória para a exposição universal de Viena que aconteceu no mesmo o evento atraiu 41.996 visitantes e na quarta exposição nacional que ocorreu em 1875 em preparação a exposição universal da Philadelfia em 1876 foram 67.586 visitantes, o tempo de duração em média das exposições nacionais eram de 2 meses de duração.

1.7 A apresentação dos aspectos da nacionalidade do Império do Brasil nas Exposições Universais

Na grande obra de construção de uma identidade nacional, os indígenas eram a representação grandiosa da nação como povos coadjuvantes da fundação da nacionalidade brasileira, e como já indicamos era uma produção do romantismo do século XIX, eles foram escolhidos como os elementos do Brasil, para marcar da imagem do mito de fundamento natural da nacionalidade.

Apesar das dificuldades para inserir os indígenas como membros e partícipes plenos da nacionalidade brasileira devido aos debates historiográficos deste período acerca do papel dos índios nas origens e na construção da nação⁴⁸.

⁴⁸ CALDEIRA, Ana Paula S. **Ramiz Galvão e o Catálogo da Exposição de História e Geografia do Brasil. Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 48, p.189-213, 2016.

Era importante no ato de forjar a nacionalidade do Brasil Império, a partir dos conceitos de civilização, de bondade e força, que os tornavam mais nobres a partir da coragem e do amor à terra pátria. A herança nos nativos brasileiros, os indígenas e da caridade humanista e fraterna a partir da herança dos portugueses que trouxeram da Europa os valores do cristianismo que se aglutinaram e deram origem a uma nação de singularidade única nas Américas, esta foi uma das representações e discursos presente nas representações do Brasil, nas Exposições Universais que o país participava.

Anne-Marie Thiesse⁴⁹, indica que o nacionalismo tinha uma função pedagógica para educar as populações como a escolha de uma língua nacional, a construção de uma galeria de heróis nacionais para incentivar e incutir nas pessoas a consolidação de uma memória coletiva. Para este objetivo, era necessário o papel fundamental do Estado a partir criação de um patrimônio nacional identitário que simbolizava o conceito do que é ser nacional, do que é ser brasileiro.

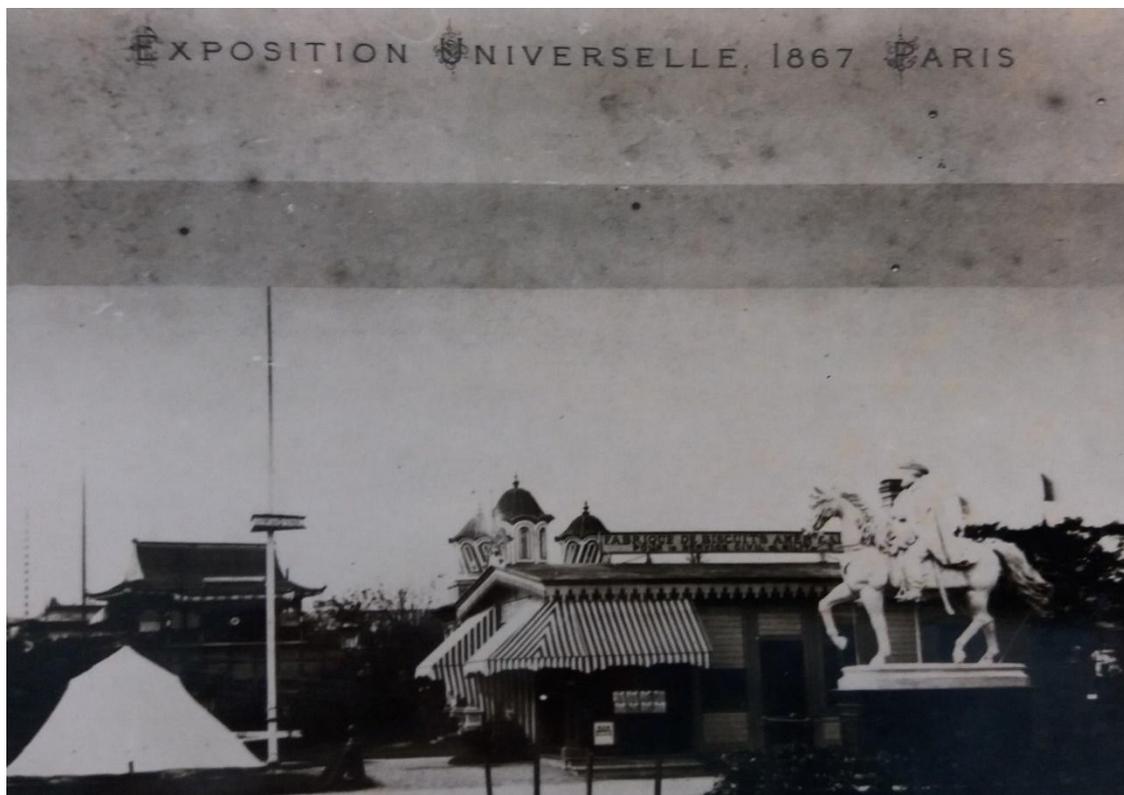
O Império precisava se representar em suas grandes particularidades durante as Exposições Universais e podemos citar aqui os casos das Exposições Universais de 1867 em Paris e a de 1876 na Filadélfia.

No primeiro, os organizadores da representação do Império do Brasil na exposição de 1867 queriam apresentar a grandiosidade de uma nação que estava lutando pela liberdade dos povos e contra tirania dos bárbaros. Neste sentido, falamos sobre a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai que se iniciara em 1864, onde o Brasil junto com as repúblicas do Uruguai e da Argentina lutou contra o ditador do Paraguai Solano Lopez, que invadiu a região de fronteira na província do Mato Grosso e iniciou o conflito. Era este discurso de luta da civilização contra a barbárie que deveria ser levado e apresentado junto as nações da Europa naquele momento.

A figura do Imperador do Dom Pedro II, foi escolhida para dar materialidade a essa inspiração e discurso. Na obra do escultor Francisco Chaves Pinheiro, o próprio monarca está representado com vestes de gaúcho sobre um cavalo que representaria a cena da retomada da cidade de Uruguaiana pelo Exército brasileiro durante o conflito. Devido aos contratemplos de ordem financeira e de transporte, a estátua quase não chegou ao seu destino final: a exibição na exposição parisiense em 1867. Devido ao seu tamanho, ficou exposta na área externa do complexo da exposição como veremos na imagem abaixo:

⁴⁹ THIESSE, Anne-Marie. Ibidem pag.10-11.

Figura 12 - Estátua equestre de dom Pedro II, de autoria de Chaves Pinheiro, exibida na Exposição Universal de Paris em 1867. Pertencente a Reserva Técnica do Museu Histórico Nacional, (hoje se encontra no Hall de entrada do Museu)



Fonte: Acessado em 14/10/2021: <https://dn790005.ca.archive.org/0/items/Expositionunive00Peti.pdf>.

A estátua do Imperador representado como um corajoso soldado montado a cavalo, de autoria de Chaves Pinheiro é a projeção material e discursiva do projeto de nação brasileira para aquele momento. Junto delas, estava toda a representação statuária e pictórica daquele momento histórico do país. É a alegoria para a vitória inevitável da “civilização” do Império do Brasil sobre o “bárbaro” governo do Paraguai, a figura de um ‘imperador vencedor, culto e nobre’ sobre um “ditador sanguinário e derrotado”.

Esta representação exaltava a figura do imperador brasileiro como representante da “civilização” nas Américas, mas alertava que neste continente estavam presentes a barbárie representada nos caudilhos republicanos, que precisavam ser derrotados e combatidos. Esta era a mensagem que foi escolhida para ser a propaganda e a imagem do Império durante a Exposição Universal de 1867⁵⁰. Cabe-nos indicar que hoje este monumento está exposto no hall de entrada do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

⁵⁰ SCHUSTER, Sven. **A visão dos vencedores: O Brasil e a glorificação da Guerra do Paraguai nas exposições universais do século XIX.** *Iberoamericana*, p. 147-174, 2017.

Sobre a representação do Brasil na Exposição Universal da Filadélfia, antes de indicar a natureza e os discursos presentes que o Império do Brasil levou este evento é importante fazer uma reflexão sobre a realização pela primeira das “festas do progresso” fora das fronteiras da Europa.

Pela primeira vez o nome oficial da exposição universal não era este objetivamente *universal*, os seus organizadores escolheram chamá-la de *Centennial Exhibition of Arts, Manufactures and Products of the Soil and Mine*, traduzindo Exposição Centenária de Artes, Manufaturas e Produtos do Solo e das Minas. Com este nome, o evento era objetivamente associado ao Centenário da Independência dos E.U.A., que ocorreu em 1776. Seria a oportunidade privilegiada e perfeita para a projeção do modelo de vida, de produção, de economia e da vida política daquela jovem nação diante das seculares e milenares nações europeias e, sendo assim, um novo paradigma de “civilização e progresso” para os povos e para humanidade.

Sandra Pesavento afirma como aquela nação, que foi formada com a chegada de povos dispersos e que havia pouco mais de uma década antes estava em guerra civil para pôr fim a escravidão e que colocou em confronto dois modelos civilizatórios diferentes e opostos em diversos aspectos, e que depois deste conflito se superou e se desenvolveu em uma sociedade conectada com o espírito do progresso, da ciência e da industrialização tão fortes no século XIX:

A América, pátria-mãe, berço acolhedor dos imigrantes, fora capaz de erguer-se como nação que surpreendia o mundo com o seu desenvolvimento tecnológico e a sua bem-sucedida experiência de um governo democrático. Em suma, o mito do progresso, tão presente no imaginário do século XIX, encontrava a sua materialização inquestionável em terras americanas. Em tempo recorde, a jovem nação americana conseguira alçar-se ao nível tecnológico de outras potências. Nessa trajetória de desenvolvimento, fortalecia-se a autoimagem, consolidando-se noções tais como o "gênio inventivo" do povo americano ou o seu "senso prático", que, conjugados, eram capazes de presentear o mundo com novos inventos e descobertas que contribuíam para tornar a vida mais fácil e consolidar a sociedade do bem-estar.⁵¹

Outra inovação e particularidade da Exposição Universal de 1876 foi a construção de um pavilhão destinado às mulheres. O Pavilhão das Mulheres não era destinado apenas a apresentar a produção de trabalhos manuais das mulheres, onde eram expostos produtos em costura, bordado e pintura. As mulheres dos E.U.A. surpreenderam os visitantes, a comissão julgadora e os organizadores com inventos que poderiam ser aplicados tanto no campo do

⁵¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ibidem*, p. 147-148.

trabalho doméstico como do trabalho industrial. Neste sentido, as mulheres rompiam um campo de conhecimento e produção que até então era de exclusividade dos homens⁵².

A exposição universal de 1876 foi particularmente especial para o Império do Brasil porque o próprio Imperador Dom Pedro II participou da exposição. Por isso, desde os preparativos no Brasil, o Imperador se envolveu pessoalmente nos preparativos da participação brasileira para esta Exposição Universal. A visita e a participação do imperador no evento durante a sua viagem a Filadélfia são ainda associadas até os dias de hoje por ele ser o descobridor da invenção, de Alexander Graham Bell, o então revolucionário aparelho que poderia realizar a comunicação por voz entre duas pessoas em distancias e locais separados, o telefone. A participação do Imperador foi muito mais do que nos indica está disseminando informação por parte da imprensa nacional e pela população em geral.

Dom Pedro II foi um dos presidentes do comitê de julgamentos e premiação dos expositores durante esta exposição universal. Junto com o anfitrião da Exposição do Centenário, o presidente dos Estados Unidos Ulysses Grant, o imperador inaugurou o evento com o acionamento da gigantesca máquina *Corliss*, que fora produzida para gerar energia para o Pavilhão Principal da Exposição Universal de 1876 e para o *Machine Hall*, como se chamou o pavilhão das máquinas. Ela possuía 1.500 HP (watts de potência) de força inicial, mas poderia chegar até o máximo de 2.500 HP, com 700 toneladas e que remetia ao formato de uma águia, ave símbolo dos E.U.A.

O Brasil contou na exposição da Filadélfia com o maior espaço até então para montar o seu pavilhão desde que começou a participar das Exposições Universais em 1862 e de maior representação nacional. Este espaço disponibilizado foi de 1.627 metros quadrados, maior do que as outras 5 nações latino americanas que também estavam presentes na exposição de 1876. Para representar a grandeza do Império do Brasil e seu papel civilizador e garantidor da paz e do progresso no continente americano, o país levou para ser representado na seção de artes o quadro “*Combate Naval do Riachuelo*”, de Victor Meirelles, em sua primeira versão.

O próprio Imperador encomendou um livro ao general Couto de Magalhães que tinha o título de *O selvagem*, que era um estudo sobre os índios tupis. O livro identificava os indígenas como uma das matrizes de coragem e das qualidades da raça brasileira, dando início a um discurso sobre a positividade da mestiçagem entre os portugueses e os indígenas na formação da nacionalidade brasileira.

⁵² PESAVENTO, Sandra. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 2, n. 1, p. 151-168, 1994.

Nesta Exposição, o país construiu um espaço no parque externo onde se realizava o evento para apresentar e representar, para além da exibição em catálogos e amostras e também para a degustação dos visitantes que iriam visitar o pavilhão do Império do Brasil, o nosso mais importante produto de exportação: o café, que era produzido no vasto império ao sul do continente, como indicado na imagem abaixo.

Figura 13 – Pavilhão externo do Império do Brasil, onde os visitantes degustavam do café do Brasil, na Exposição Internacional de 1876, da Filadélfia, nos E.U.A



Fonte: Acessado em 14/10/2021: <https://www.bie-paris.org/site/images/galleries/expo-galleries/1876-philadelphia/1876-philadelphia-8.jpeg>.

O exotismo, a beleza física e a sensualidade dos habitantes do Brasil também foram representadas na Exposição de 1876, através do quadro “*A carioca*”, de Pedro Américo, nesta pintura foi uma brasileira nua se banhando, nas águas de um dos rios, que tem o mesmo nome que foi batizada a tela, e que corre até os dias de hoje na região sul da cidade onde era a corte imperial, o Rio de Janeiro, tendo ao fundo uma paisagem paradisíaca que remetia a natureza do Brasil. O sucesso da reprodução da tela, em uma publicação francesa, fez com o a pintura fosse encomenda e comprada pelo então primeiro Imperador da Alemanha, Guilherme I, em 1882.

Na primeira concepção do quadro, a figura feminina foi pintada e remetia a uma mulher mestiça, porque uma das intenções da obra era representar na Exposição Universal de 1876, o poder de fascinação na mistura de raças na formação do Brasil, que como está mesma miscigenação das raças gerava a beleza natural e exótica da população brasileira. Na versão adquirida pelo imperador alemão, o quadro a personagem título da obra, toma feições e

tonalidades na cor de pele de uma mulher branca, mas que mantém a sensualidade, a nudez e o exotismo da mulher e da paisagem brasileiras⁵³.

Ao concluir esta introdução panorâmica do tema a ser abordado nesta pesquisa, indicamos que as representações do Império do Brasil nas Exposições Universais foram até este momento, os espaços onde o Império tinha a expor a sua produção das variadas culturas agrícolas da terra, tendo sempre como a mais importante o café, mas também as madeiras nativas, as plumagens de aves, e algumas máquinas usadas no processo de beneficiamento do café, de tecidos, os produtos enviados das províncias como, o cacau da Bahia e uma representação sempre desconectada e ilusória da realidade vivida pelos povos indígenas.

Ressaltamos que a elite política brasileira se incorporou do projeto de participação do Brasil nas Exposições Universais do século como meio de acesso do país e desta elite ao circuito internacional de progresso industrial, técnico e científico daquele momento.

O interesse do imperador pelas Exposições Universais, era fundamental para que os agentes do Estado imperial devotassem todos esforços no sentido de que a participação do Brasil sem fosse exitosa, publicizada e eficaz no ato de incorporar à população os signos e discursos de civilização, progresso e ordem sob a ótica e os cânones burgueses e capitalistas do século XIX.

Apesar da contradição já indicada de um país que busca participar do processo de desenvolvimento industrial e financeiro no globo daquele período sob as condições e nas regras do capitalismo financeiro e industrial tinha o objetivo a criar mercados de consumo. O Brasil ainda tinha a maioria de sua mão-de-obra e população sob o peso da instituição da escravidão e da pobreza, longe e muito longe da instrução e do conhecimento que seriam os meios para a absorção do estilo e ideário de vida das sociedades e do projeto de futuro proclamados nas Exposições Universais.

A partir da exposição da Filadélfia, o país passou a ter uma representação de maiores dimensões em outros campos como o científico, como aconteceria na Exposição Internacional de 1889 em Paris, a última que o Brasil participa ainda sob o regime monárquico. Nesta Exposição, foi reservado um espaço no pavilhão do país para apresentar a produção científica do Museu Nacional, parte das coleções antropológicas e botânicas dos Museus da região norte do Brasil e o material de observação astronômica do Observatório Imperial da Corte.

⁵³ Acessado em: 24/05/2021 SCHUSTER. A visão dos vencedores. *op. cit.*, p. 70; OLIVEIRA, Cláudia; NERY, Laura. *A carioca, de Pedro Américo: alegoria e erotismo no imaginário oitocentista brasileiro*. Disponível em: https://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/laura_nery_e_claudia_de_oliveira.html.

No capítulo 02, abordaremos como a escrita da memória e da história nacional a partir da organização documental, que foram fundamentais na construção da nacionalidade a ser exibida na Exposição de História de 1881 como fisionomia da Nação, tomando emprestado o argumento de Maria Inês Turrazzi⁵⁴, e o do papel do idealizador da Exposição de História, Ramiz Galvão e da produção historiográfica deste tema, em nossa pesquisa e dissertação

⁵⁴ TURAZZI, Maria Inez. *Iconografia e patrimônio: o catálogo da exposição de história do Brasil e a fisionomia da nação*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

2 A HISTÓRIA NACIONAL E A MEMÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE 1881

Antes de me deter no tema da História e da Memória Nacional final do século XIX, no Império do Brasil, quando se realizou a *Exposição Nacional de História e Geographia do Brazil*, em 1881, entendemos ser importante, novamente trazer o tema da História que tomou corpo de ciência, ensino e método neste século.

2.1 História, a ciência do século XIX.

No verbete, *HISTÓRIA*, volume 01 da Enciclopédia Einaudi, de autoria de Jacques Le Goff⁵⁵, o autor apresenta a formação e concepção da História como ciência no século XIX, a partir da reflexão sobre “o século da história”, tendo a expressão “historicidade” como categoria da realidade. Ela foi apresentada em 1872 e interpretada em 1967, pelo intelectual francês Charles Morazé⁵⁶, que assim define esta categoria:

Devemos procurar para além da geopolítica, do comércio, das artes e da própria ciência, aquilo que justifica atitude de obscura certeza dos homens que se unem, arrastados pelo enorme fluxo do progresso que especifica, opondo-os Sente-se essa solidariedade está ligada à existência implícita que cada um experimenta em si, numa certa função comum a todos. Chamamos esta função de historicidade.

Neste sentido, a nossa compreensão, o ato de fazer da “história” como ciência, método, a produção e experiência da construção, a história teria de ir além de livros, documentos, mapas, artefatos e fenômenos sociais e econômicos, para buscar os indícios e as “respostas” nas relações dos homens, no que eles construíram e deixam como sinais de suas vivências entre eles e como esta narrativa é apresentada.

Assim, afirmo a minha compreensão e convicção pessoal de que a história é uma ciência e não uma narrativa simples com um sentido de apenas contar a realização dos eventos

⁵⁵ GOFF, Jacques In. **EINAUDI, Enciclopédia. Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.

⁵⁶ MORAZÉ, Charles. **La logique de l'histoire**. FeniXX, 1967. Charles Morazé (1913-2003), foi um intelectual francês que contribuiu entre a 1ª e 2ª geração da École de Annales, sendo redatores da Revue des Annales (Revista dos Annales) e também atuou como Professor da Cátedra de Política na USP entre os anos de 1941-1954, quando retorna a França e publica uma obra para apresentar aos franceses e aos europeus dos Pós-II Guerra uma visão dos brasileiros e do País. Foi um intelectual de vasta produção acadêmica reconhecida internacionalmente.

ou da vida de pessoas, como parte da historiografia e dos historiadores contemporâneos assim a entendem. Eu entendo que, a mim, cabe, como licenciado em história, historiador e mestrando discordar parcialmente desta visão, que muitas vezes é utilizada pelos que deturpar, atacar e diminuir a História, como ciência. Há sim o sentido narrativo na no ato de construção e formação na historiografia que não pode ser deixado de lado e até mesmo uma demarcação para outro campo de produção e de estudos que é a Literatura. Porque, o historiador, tem em sua formação o aprendizado e a metodologia necessários para exercer a sua profissão e ofício com segurança e constante absorção de conhecimento em sua formação.

Voltando ao século XIX, à história, como ciência, se consolida ainda muito ligada às artes e a filosofia. Os intelectuais da história vão fazendo um movimento, um esforço que vai se firmando como disciplina e ciência com especificidades técnicas e metodológicas, sendo menos ligada a literatura (o ato de narrar ou descrever eventos como obras literárias) e da filosofia. À história, como todas as ciências, tem um caráter que contém a generalização e a explicação, onde, tem como significado, o método dedutivo como um dos instrumentos investigativos da ciência histórica como dito por Jaques Le Goff⁵⁷.

Outro elemento que cabe indicar na formação da história e dos seus cânones para a inserção na categoria de ciência, foi a organização, a escolha e a classificação de alguns eventos da humanidade ocorridos ao longo do tempo. Em um determinado modo clássico a história, uma ciência do tempo, ou melhor, ciência que organiza os eventos e as transformações no tempo criou-se. A história que se beneficiou de novos métodos advindos de outras ciências humanas (etnologia, sociologia e antropologia) e, com isto, à história incorpora as ações de ser uma ciência de campos, de ir buscar os indícios, que buscava primeiramente todas as tipologias de documentos oficiais e depois a documentação de caráter oral.

Sendo assim, a história é a ciência do tempo e está voltada e ele de diversos modos, como exemplo temos a determinação das eras na formação do planeta no campo da geografia, na evolução fisiológica dos homens na biologia e no caso estrito e objetivo da história na divisão das idades da evolução das sociedades em eras que vão desde a Pré-História a História Contemporânea (tempo que estamos vivendo agora), a qual alguns historiadores denominam esta modalidade de história do tempo presente.

⁵⁷ LE GOFF, Jacques. *Ibidem.* pag. 174.

No século XIX, de acordo com Le Goff⁵⁸, duas correntes e duas ideias que estavam ligadas para o despertar do interesse e da paixão pela história passaram a existir, são elas: auto reconhecimento da burguesia como classe e o seu interesse pela democracia, nesta indicação vão diversos questionamentos que aqui não me deterei, e, o outro interesse, no sentimento nacionalista tão vivo no século XIX na Europa e nas Américas.

A burguesia se formou e se viu, desde os fins da Idade Média e durante a Idade Moderna como grande promotora das mudanças e rupturas políticas e sociais das regiões onde ela se consolidava, principalmente como parte integrante da sociedade e a classe que ascenderia ao lugar da nobreza e ajustaria as relações sociais, numa identificação muito objetiva e até mesmo simplista, deu origem as lutas de classes que chegaria ao seu auge na Revolução Francesa, onde a burguesia sairia “vencedora”, como evolução do processo natural do caminho da evolução histórica das sociedades e implantaria um novo modelo político.

A democracia, que está presente nas duas grandes rupturas políticas de caráter burguês ainda no século XVIII: a Revolução Americana (Guerra de Independência dos Estados Unidos da América) e da mais notável das revoluções burguesas, a Revolução Francesa, que tem como objetivo o final do Antigo Regime em todas as suas estruturas, como exemplo até a implantação de um calendário revolucionário para que o tempo fosse organizado a partir da revolução, como efetivamente a implantação de um novo tempo.

Outro sentimento ou movimento motivado para o desenvolvimento da história é o sentimento nacional, os nacionalismos deste século XIX em particular a partir da década de 1830 que avançam e progridem até o início do século XX e que vão culminar com a Primeira Guerra Mundial. Como já indicamos no capítulo um, deste trabalho o nacionalismo e suas múltiplas formas de se apresentarem estavam efetivamente presentes no espírito das exposições universais no século XIX.

Intelectuais como Michelet e Chabod⁵⁹, associam ao nacionalismo o caráter de sentimento, de um sentimento de irmandade e amor aos concidadãos e do país onde vivem, na frase de Chabod, ele afirma: “A nação transforma-se na pátria e a pátria, na nova divindade do mundo moderno. A nova divindade: como tal, sagrada. Está a novidade que surge a partir da Revolução Francesa e do Império”. Cabe ressaltar que o Império Francês vai surgir como uma invenção da burguesia, das classes políticas e militares que saíram vitoriosas no processo da

⁵⁸ LE GOFF, Jacques. Ibidem. pag. 196.

⁵⁹ LE GOFF, Jacques. Ibidem. pag. 197.

revolução primeiro com Napoleão Bonaparte e depois por seu sobrinho Napoleão III no início e em meados do século XIX.

E, não podemos deixar passar, o período do Rei Luis Felipe, “o rei burguês”, que encomenda a escrita de uma história da França para romper com um modelo escrito da história que narrava apenas a história dos reis. Agora é preciso ser construída uma história onde os protagonistas são o povo francês que formou a nacionalidade do país, desde as mais remotas eras.

As duas grandes correntes ou escolas historiográficas do século XIX, o positivismo e o historicismo valorizam, na formação das consciências e do ensino de história a validade dos documentos que eram por eles classificados como grandes marcos históricos. A história dos grandes homens de um país com a criação de panteões nacionais onde se veneravam os grandes cidadãos e formadores do sentimento nacional e a explicação racional/sentimental do amor às coisas da pátria.

2.2 A história nacional e nacionalidade na Exposição de 1881 e o papel de seu idealizador, Ramiz Galvão

Nesta breve e objetiva introdução sobre a concepção de história no século XIX, que também foi pensada e organizada a Exposição Nacional de História de 1881, pelo então diretor da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão. Antes de entrarmos na discussão sobre a memória historiográfica, outro elemento importante na realização da exposição e das suas consequências na escrita da história no Brasil durante o século XX, e também falarmos sobre o que foi produzido como produto historiográfico sobre a Exposição de História de 1881, vou me deter um pouco em apresentar este intelectual que construiu importantes relações e rede de difusão científica durante os séculos XIX e XX, do Império à República.

Ramiz Galvão (Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Barão de Ramiz), médico, professor, filólogo, biógrafo e orador, nasceu em Rio Pardo, Rio Grande do Sul, em 16 de junho de 1846, e faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de março de 1938. Filho de João Galvão e de D. Maria Joana Ramiz Galvão, veio aos seis anos para o Rio de Janeiro. Após os estudos primários no Colégio Amante da Instrução, fez gratuitamente, com o apoio do Imperador, toda a instrução secundária no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Letras, em 1861. Aos 19

anos escrevia o seu primeiro livro, *O púlpito no Brasil*⁶⁰, publicado em 1867. Formou-se em Medicina, em 1868. Trabalhou inicialmente como cirurgião no Hospital Militar da Ponta da Armação, abraçando depois o magistério.

Helenista emérito foi professor de Grego no Colégio Pedro II e de química orgânica, zoologia e botânica na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Não foi somente um mestre que honrou aquelas cátedras, mas um educador cuja longa existência decorreu a serviço do ensino.

Gozou da amizade de D. Pedro II desde os anos escolares. De 1882 a 1889, foi preceptor dos príncipes imperiais, netos de D. Pedro II e filhos do Conde d'Eu e da Princesa Isabel. Teve assim ocasião de conviver com o Imperador, que o chamou ao exercício de cargos honrosos. Realmente, Ramiz Galvão teve, tanto no Império como na República, ocasião de ocupar vários cargos importantes, graças à sua capacidade de trabalho, valor intelectual e profunda cultura. Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz (com grandeza).

Dirigiu a Biblioteca Nacional e, por duas vezes, foi diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Foi também o primeiro reitor da Universidade do Brasil. Nos doze anos em que dirigiu a Biblioteca Nacional, organizou a exposição camoniana de 1880 e a de História do Brasil, no ano seguinte, com os respectivos e preciosos catálogos. Também promoveu a publicação dos *Anais* daquela repartição. Organizou o Asilo Gonçalves de Araújo, instituição destinada a educar crianças pobres, conforme vontade expressa do seu doador, e foi seu diretor desde 1899 até 1931.

A presença de Ramiz Galvão na história da filologia ficou marcada com o seu *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*⁶¹, publicado em 1909, suscitando polêmicas vivazes. Foi Ramiz Galvão que, em 1904, alvitrou o nome de Silogeu Brasileiro para o edifício construído na Praia da Lapa e onde o governo se propôs a reunir várias instituições culturais, inclusive o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras. Só entrou para a Academia em 1928, aos 82 anos. Já havia concorrido em 1912 à vaga do Barão do Rio Branco, quando perdeu para Lauro Müller, motivando isso o afastamento de José Veríssimo das atividades acadêmicas, inconformado com o resultado do pleito. Fez parte da Comissão do Dicionário (1928), da Comissão de Gramática (1929) e foi presidente (1934) da Academia.

⁶⁰ GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. **O púlpito no Brasil**. 1926.

⁶¹ GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Livraria Garnier, 1909.

Foi sócio grande benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi orador perpétuo; membro honorário da Academia Nacional de Medicina e de diversas associações científicas e literárias. Segundo ocupante da cadeira 32, foi eleito em 12 de abril de 1928, na sucessão de Carlos de Laet, e recebido pelo acadêmico Fernando Magalhães em 23 de junho de 1928⁶².

Podemos ver que, pela vasta atuação de Ramiz Galvão, que ele foi um intelectual dinâmico e “à frente de seu tempo”, mas, voltando a organização do evento através de ofício enviado ao então ministro Império, o Barão Homem de Mello, que fez justiça a necessidade de uma exposição sobre a história nacional com essas palavras: “que teria como primeiro objetivo a relevância reunir todo o que foi publicado sobre a história do país e como consequência seriam revelados novos documentos e publicações do passado nação que ainda não tinham sido revelados”, e o segundo e grande herança deste evento.

Figura 14 – Foto de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz sem autoria, publicada no Almanaque Guarnier, em 01 de janeiro 1907



Fonte: Acessado em 29/06/2023: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348449&pagfis=2797>.

⁶² Acessado em 29/05/2023 em: <http://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao/biografia>.

O Catálogo que pode ser considerado um marco na produção historiográfica do país do século XVI à até presente data e para, além disso, o catálogo foi um grandioso inventário de obras de Geografia, Antropologia, de produções artísticas e literárias que representavam a História Nacional como um monumento da memória e da grandiosidade da Nação. No ofício, Ramiz Galvão informa e afirma ao Barão Homem de Mello que a Exposição e a confecção do Catálogo trariam o país não apenas, o que ele chamou de “amor pelos papéis”, mas também amor pela pátria.

É importante destacar, que Ramiz Galvão se cercou de uma notável equipe de homens de cultura e da intelectualidade para levar a frente este empreendimento de grande importância para a instituição e para a nação. Desta equipe faziam parte Alfredo do Vale Cabral, José Zeferino de Moraes Brum, Alexandre Teixeira de Melo, Capistrano de Abreu e João Saldanha da Gama, que vai substituí-lo na direção da instituição em 1882, cada um desses personagens deixou a sua marca no projeto de reorganização da Biblioteca Nacional como espaço de produção conhecimento e ciência histórica e na realização da *Exposição de História e Geographia do Brazil*, e na confecção do catálogo da Exposição. Este grupo com mais o conjunto de funcionários da Biblioteca realizou em um ano a catalogação, a coleta de livros, artefatos, pinturas, estátuas, gravuras e objetos que teriam a função de serem expostos para apresentar ao público da exposição a história do Império do Brasil desde o século XVI até o presente ano de 1881⁶³.

Toda a equipe de funcionários, foi mobilizada e foram solicitadas as províncias o envio de materiais que tinham relação com história do Brasil, a colecionadores privados, ao Museu Nacional e IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), a principal e responsável instituição de ser a guarda e produzir o passado histórico do Brasil, aos moldes e nos projetos das elites intelectuais, políticas, econômicas e dos agentes operadores do estado nacional no Império do Brasil.

O movimento de inaugurar uma Exposição de forma monumentalizada sobre a História contada a partir da ótica do regime – a Monarquia estabelecida no ato de independência e que formou um Império gigantesco, consolidado e civilizado nas Américas – é o primeiro indício sobre validade desta questão é a escolha da data para inaugurar a Exposição de História, 02 de dezembro 1881, data do aniversário natalício de 56 anos, do

⁶³ CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Ramiz Galvão e o projeto de uma biblioteca nacional. GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia (Orgs). In. **Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, p. 177-215, 2016.

Imperador Dom Pedro II. Outro indício diz respeito ao como foi pensada, construída, organizada e montada a disposição das salas no espaço da Biblioteca Nacional.

A Exposição foi organizada em cinco salas temáticas que tinham figuras relevantes da história nacional desde a colônia.

A sala principal era a *Sala Pedro II*, que apresentava História Política do Brasil destacando a imprescindível participação dos portugueses e, nesta sala, o que estava em homenagem era o regime monárquico, a presença da dinastia dos Bragança na formação do país a peça principal na entrada da sala era um quadro do Imperador Dom Pedro II, nesta sala estavam bustos, quadros e gravuras dos Reis de Portugal e de membros da Família Imperial. O ambiente desta sala remetia a uma espécie de culto a dinastia que “fundou”, o país a partir da transferência da administração do Império Marítimo Português e da Corte Portuguesa em 1808, tinha o caráter de homenagem também a metrópole (Portugal), que realizou o empreendimento da colonização.

Nesta sala, estavam presentes quadros de todos os membros da família imperial, mas também trazia peças preciosas como o quadro e gravura do desembarque de D. Leopoldina ao Brasil para o seu casamento com Príncipe Dom Pedro, o conhecido quadro do juramento do Imperador D. Pedro I no ato de sua coroação este quadro é geralmente chamado “*Quadro da Coração*”, de Jean Batiste Debret, quadros de D. Pedro II em diversas fases de sua vida desde a infância até atualidade da realização da exposição vindos das coleções particulares do Imperador e da Academia Imperial de Belas Artes (o atual Museu Nacional de Belas Artes), o quadro “*A Primeira Missa no Brasil*”, de Victor Meirelles, também o quadro “*Declaração de Independência*”, de Francisco Renato Moreaux, um busto em gesso do Visconde do Rio Branco, busto em mármore de Jose Clemente Pereira (um dos líderes políticos do Dia do Fico, foi Provedor da Santa casa de Misericórdia e foi dos criadores da 1ª casa de alienados (hospício) do Brasil) depois chamado de Hospício Dom Pedro II. Assim como já indicamos esta sala era uma louvação ao regime monárquico como fundador e estabilizador do Brasil. Estes documentos, quadros, bustos compunham parte das peças expostas na *Sala Pedro II*.

A sala seguinte, a *Sala Ayres de Casal*, recebeu este nome homenagem ao padre, historiador e geógrafo português Manuel Ayres de Casal⁶⁴, que foi o autor da primeira obra de *corografia*⁶⁵ sobre Portugal e o Brasil, com título *Corografia Brazilica*. Nesta sala estavam

⁶⁴ Acessado em 26/06/2023: In. https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Aires_de_Casal.

⁶⁵ O termo corografia, que pode ser entendido como a descrição de regiões ou ainda escrita das regiões, foi amplamente utilizado entre os séculos XVII e XVIII, tendo em Varenius um dos principais responsáveis por sua divulgação. Ao usar este termo, Varenius pretendia reforçar, sobretudo, a característica de delimitar e descrever

expostas para os visitantes cartas geográficas. *Uma carta geografia que demonstrava a derrota de Pedro Alvares Cabral no projeto de chegar a Índia em que na realidade em 22 de abril de 1500, chegou à Baía de Porto Seguro, na praia da Coroa Vermelha*, obra emprestada pelo militar e nobre do Império, o Visconde Henrique de Beaurepaire Rohan⁶⁶, um exemplar da *Corografia Brazilica* publicado em 1817, de autoria do homenageado que batizou, Manuel Ayres de Casal; um exemplar de *Historie d'une Voyage fait em la Terre du Bresil*, de autoria de Jean de Léry, no Guia da Exposição este documento está indicado desta forma: “*Dispensa qualquer comento este livro encantador*”⁶⁷, um exemplar da “*História da America Portuguesa*”⁶⁸, de Sebastião da Rocha Pita, publicado em 1730, está foi a primeira história do Brasil escrita por um brasileiro; Um busto de Frei Camilo de Monserrate que foi um antigo diretor da Biblioteca Nacional; Um exemplar de a *História do Brasil*, de Frei Vicente de São Salvador que na Exposição de História de 1181 está sendo exposta pela primeira vez ao público e o original da Constituição do Império do Brazil de 24 de março de 1824, com a rubrica do S. M., o Imperador, encadernado em veludo tendo impressa na capa a cora imperial e fechos de ouro, este documento estava sob guarda do Archivo Público (que foi a partir da proclamação da República, denominado de Arquivo Nacional), este eram alguns dos documentos presente na Sala *Ayres de Casal*.

A *Sala Varnhagen*, em homenagem a Francisco Adolfo de Varnhagen⁶⁹ o primeiro intelectual brasileiro a escrever um livro de História do Brasil em formato de síntese a *História Geral do Brazil*, está sala era dedicada à história eclesiástica, parlamentar, diplomática e também estavam expostos jornais e gravuras da cidade do Rio de Janeiro, a

regiões individuais da Terra. In. LEAL, Fabiana Machado. *Geografia: ciência corográfica e ciência corológica*. In: II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2009, São Paulo. II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2009. Pag. 05.

⁶⁶ Acessado em 26/06/2023: In. <http://anebrasil.org.br/patronos/henrique-pedro-carlos-de-beaurepaire-rohan/>. Nobre, militar e político brasileiro. Foi filiado ao Partido Liberal. Bacharel em física e matemática, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SIAN). Escreveu a *Corografia da Província da Paraíba do Norte*, publicada na Revista do Instituto Histórico da Paraíba, em 1911.

⁶⁷ Acessado em 26/06/2023: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon130043/icon130043.pdf. **GUIA DA EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRAZIL REALIZADA pela BIBLIOTHECA NACIONAL 2 de dezembro de 1881**. Pag. 15.

⁶⁸ Acessado em 26/06/2023: *Ibidem*. Pag. 17.

⁶⁹ Acessado em 26/06/2023: In. https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Adolfo_de_Varnhagen, foi um militar, diplomata e historiador brasileiro, um renovador da metodologia de pesquisa histórica e autor de vários estudos, onde se destaca a primeira grande obra de síntese sobre a história do Brasil: *História Geral do Brasil*, publicada em dois volumes entre 1854 e 1857, que apesar de ultrapassada em muitos aspectos permanece até hoje como um marco referencial imenso para a imenso para a historiografia no Brasil.

capital do Império; sobre a História Nacional, nesta estava o quadro de Catarina Alvares de Paraguassú, mulher de Diogo Alvares Corrêa, o 1º povoador da Bahia, de autoria de Angelo Romão que era uma cópia do exemplar original de maiores proporções que está no Convento da Graça na Bahia cedido pelo Dr. Mello Moraes, como está descrito no Guia da Exposição⁷⁰, uma aquarela da Cidade de “*Victória*” (Vitória), de autoria de Wiegandt, do ano 1877 e a litografia colorida a mão a “*Floresta virgem*”, ambos cedido para exposição pelo Barão Homem de Mello, litografia a guache “*Rio de Janeiro*” tomada da vista da Ilha das Cobras” do acervo da Biblioteca Nacional; conjunto de sete paisagens do Rio de Janeiro onde contam as paisagens “*Niterói*”, “*A Fortaleza da Boa Viagem*”, e a “*Praia de Icarahy*”, esta coleção foi cedida pelo Imperador Dom Pedro II para a exposição; no centro da Sala estavam as primeiras edições do *Jornal do Commercio* de 1827; o desenho “Três navios perto da entrada da Barra do Rio de Janeiro, feito a lápis original por A. Fremy de 1857, cedido Dr. B. F. Ramiz Galvão diretor da Biblioteca Nacional para a exposição; a primeira edição da *Gazeta do Rio de Janeiro*, a primeira gazeta pública do Brasil na sua primeira edição de 10 de setembro de 1808 e outros vários números destes periódicos com as armas do Reino Unido e as brasileiras; as edições do *Reverbero Constitucional Fluminense* de 1822; e, nesta sala, acham-se as primeiras do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves publicadas juntamente com respectivo decreto de 13 de maio de 1816, que foram gravadas na Impressão Regia do Rio de Janeiro e coloridas a mão⁷¹.

A *Sala Silva Lisboa* (o Visconde Cairú) homenageava José da Silva Lisboa, que foi um dos articuladores da autonomia política e econômica do Brasil a partir de 1808 e um dos políticos que lutaram pela Independência do Brasil e um dos primeiros políticos brasileiros a criticar o modelo escravista no Império e disseminar às ideias e conceitos liberais de Adam Smith⁷². Esta sala tinha como objetivo apresentar a histórica econômica, que tinha diversas pinturas, gravuras, desenhos e litografias de religiosos franciscanos que se tornaram bispos e padres que realizaram missões de catequização dos índios e dos súditos de diversas províncias desde o período da colonização do Brasil e personalidades políticas do país desde a chegada da Família Real Portuguesa e da Independência.

Fica evidenciado com a representação dos religiosos franciscanos o papel que a religião católica, como instituição, tem na formação da nacionalidade pela disseminação da fé

⁷⁰ Acessado em 26/06/2023: Ibidem. Pag. 29.

⁷¹ Acessado em 26/06/2023: Ibidem. Pag. 30, 31,33,34.

⁷² Acessado em 26/06/2023: In. <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/70-assuntos/producao/publicacoes-2/biografias/435-jose-maria-da-silva-lisboa-visconde-de-cairu>

cristã e no árduo trabalho de civilizar, cristianizar e ensinar os povos originários, os índios que nesta visão para tornar o Brasil uma nação civilizada, que antes era habitada só por tribos de indígenas bárbaros.

Na sala *Silva Lisboa*, tinha diversos títulos de livros sobre as atividades econômicas do Brasil em seus 300 anos de história, como o famoso livro *Cultura e Opulência no Brasil*, do religioso jesuíta italiano conhecido como André João Antonil cujo o nome verdadeiro Giovanni Antônio Andreoni⁷³.

Na Sala Silva Lisboa sala estavam algumas coleções e objetos específicos de uma invenção que mudou o conceito de representar a “verdade” dos lugares, pessoas e eventos. Segundo contemporâneos da época e a historiografia produzida sobre o tema: a fotografia⁷⁴, como por exemplo a fotografia de uma pintura que representava o Marechal Bento Manuel Ribeiro junto a um grupo de rebeldes, (o personagem fotografia que estava representado, foi um personagem controverso, de acordo correntes da historiografia sobre a Revolução Farroupilha) e também coleções de fotográficas de cavalos e pessoas ilustres da Bahia⁷⁵.

Mas, esta sala, trazia uma grande contradição sobre a história do Brasil em seus 300 anos de existência até aquele momento, desde o período da Colônia até o Império, a exposição e nem o catálogo não tratavam do tema da escravidão, que era como um signo de atraso e nada era citado da contribuição dos escravos africanos para a geração da riqueza para o país e para as elites políticas e econômicas.

Assim, como já indicamos, se realiza a função de apagar e esquecer o tema da escravidão negra na História do Brasil e na formação da nacionalidade e do Estado, está confirmado a contradição e o contradiscurso da imagem do país, que não tinham como serem silenciados.

E chegamos a quinta e última sala, a da *Exposição de História e Geographia do Brazil*, a *Sala Conceição Velloso* sobre Botânica e História Natural, com representações de pintura histórica, de personagens e episódios da Guerra do Paraguai. O seu homenageado foi o sacerdote franciscano, missionário, professor e botânico⁷⁶, autor da maior obra sobre as

⁷³ CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *Ibidem* pag. 200.

⁷⁴ LEITE, Vanessa Mendonça. **Os Refugiados do Pós-Segunda Guerra na Imprensa Carioca: uma análise fotográfica sobre os olhares de A Noite Ilustrada e de Revista da Semana**. Dissertação. p. 125 (Mestrado em História Social PPGHS/UERJ) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2021.

⁷⁵ Acessado em 26/06/2023: *Ibidem*. Pag. 41, 42.

⁷⁶ Acessado em 27/06/2023: In. <http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/publicacoes/70-assuntos/producao/publicacoes-2/biografias/436-jose-mariano-da-conceicao-veloso-frei>.

plantas e insetos do país naquele período, entre os finais do século XVII e início do XIX, a *Flora Fluminensis*, que foi publicada cerca de 10 anos após sua morte, mas que tem valor grandioso na história e no estudo da botânica do Brasil e que tinha uma das edições expostas na nesta sala em sua homenagem.

Na sala tinham bustos de personalidades como Ignacio Alvares Pinto de Almeida, fundador Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SIAN), cedido pela própria entidade para a exposição na Biblioteca Nacional; quadro “*Ataque dos encouraçados brasileiros Barroso e Rio Grande por canoas paraguayas, na noite de 9 para 10 de Julho de 1868*”, de autoria de Eduardo de Martino cedido pelo Ministério da Marinha; o desenhos a lápis “*Quatro assumptos da Flora Brasileira*”, de Luiz Augusto Moreaux, do acervo da Biblioteca Nacional; o busto em gesso do Monsenhor José Antônio Marinho, sacerdote, membro do IHGB, um dos líderes políticos da campanha pela maioria do Imperador Dom Pedro II e pregador da Capela Imperial⁷⁷, cedida pelo IHGB para a exposição.

A descrição de todos os itens de cada sala na data de sua inauguração está no guia da exposição história como já indicamos acima, nas páginas de descrição de alguns itens expostos⁷⁸, e cada item descrito no Guia tem o número de entrada igual ao do Catálogo, onde pode se encontrar em que parte de que acervo ou proprietário pertence e outras anotações mais detalhadas que não tem no Guia, que era um instrumento para auxiliar os visitantes na localização da Exposição e dos itens ali presentes.

⁷⁷ Acessado em 27/06/2023: In. <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/joseamariinho.html>.

⁷⁸ Acessado em 26/06/2023: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon130043/icon130043.pdf.

Figura 15 – Guia da Exposição Nacional de História de 1881, pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional



Fonte: Acessado em 29/06/2023: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon130043/icon130043.pdf Guia da exposição de História do Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Typ. da Gazeta de Noticias, 1881. 50 p.

A *Exposição Nacional de História e Geographia do Brazil*, inaugurada em 02 de dezembro de 1881, referenciava a Biblioteca Nacional como um espaço para além da guarda de livros e documentos, como o repositório oficial da memória bibliográfica e historiográfica do país. Caracterizando-a como uma das instituições de protagonismo no processo de produção intelectual e científica no Brasil do século XIX.

No período da Exposição que ocorreu de 02 de dezembro de 1881 a 02 de janeiro de 1882, foram registrados em torno de 7.621 visitantes, enquanto durou o evento de exaltação da História da Pátria e da Nação.

2.3 O Catálogo, a obra perene e produto da Exposição de História de 1881

Um dos colaboradores da organização da Exposição do Catálogo e funcionário da Biblioteca Nacional, o grande historiador Capistrano de Abreu, afirmava que a Exposição foi

apenas o motivo para dar materialidade à organização e publicação do catálogo, que seria um dos legados da administração de Ramiz Galvão e de seus colaboradores para a construção da história da pátria⁷⁹.

Na instituição, o então diretor já tinha iniciado com a sua equipe o projeto de divulgação do acervo documental da instituição com outras 2 iniciativas anteriores: a criação e publicação dos Anais da Biblioteca Nacional em 1876 e que são publicados até atualidade e já está na edição nº 140⁸⁰, e no anterior a Exposição Nacional de História, em 1880, foi organizada também por Ramiz Galvão, seus colaboradores e os funcionários da instituição, outra famosa exposição, a Exposição Camoniana⁸¹, que fazia memória aos 300 anos da morte de Luis de Camões, o maior poeta da Língua Portuguesa. O Catálogo desta Exposição encontra-se no fundo de Obras Raras, da Biblioteca Nacional⁸².

A Exposição Nacional de História de 1881 insere-se nesse contexto de ações congêneres internacionais e nacionais. Seu catálogo é uma fonte do seu tempo. A Exposição e o Catálogo estão imersos nos discursos de construção e formação da identidade nacional brasileira, no sistema de conceitos do nacionalista do século XIX.

O catálogo é a principal fonte em nosso trabalho sobre a reflexão, sobre como um documento de extenso volume físico como veremos mais a frente pode ser interpretada e mobilizada na construção de conhecimento historiográfico e um elemento do para dar balizas e validar os discursos de construção da nacionalidade no Brasil Império. O Catálogo da Exposição pode ser compreendido na perspectiva de documento-monumento, como nos enuncia Jacques Le Goff. Em obras similares, que advém desde o final do século XVIII, e pelo modo de organização e confecção do documento, se veem indícios da construção de novos métodos e modelos para dar compreensão ao conceito que hoje denominamos como memória coletiva e a realização de uma operação historiográfica⁸³.

Nessa chave de análise, a do catálogo como “*documento-monumento*”, no dia da inauguração da exposição e da apresentação do catálogo, por Ramiz Galvão, o diretor da

⁷⁹ ABREU, Capistrano de; SALVADOR, Vicente. Nota preliminar. SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918.

⁸⁰ Acessado em 27/06/2023: In. <https://antigo.bn.gov.br/projeto-editorial/colecoes-series/anais-biblioteca-nacional>.

⁸¹ DE AZEVEDO, Fabiano Cataldo. **Ramiz Galvão e a primeira exposição organizada pela Biblioteca Nacional, 1880**. Anais da Biblioteca Nacional, p. 386-394, 2016.

⁸² Acessado em 27/06/2023: In. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1292555/or1292555.pdf.

⁸³ LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. IN: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 525-541, 2003.

Biblioteca Nacional de 1870-1882. Sua inauguração aconteceu no dia do aniversário natalício do Imperador, Dom Pedro II. Ramiz Galvão afirmava: “[...] procurou-se abranger tudo o que se dizia a respeito à história do país, e dos seus habitantes em todas as manifestações da atividade humana” em outro fragmento do discurso, ele afirma a grandiosidade em dimensões para além da nação brasileira do documento produzido pela Biblioteca Nacional sobre a sua coordenação:

Pela primeira vez na América e talvez no mundo, um grupo de trabalhadores realiza a exposição de tudo que concerne à história pátria, oferecendo aos seus concidadãos em um só e amplo quadro copiosa fonte de ensino do que foi, e calorosa animação para o que há de vir⁸⁴.

Neste sentido podemos observar uma hipótese e dois indícios importantes da realização da Exposição de História e da produção do Catálogo neste ano de 1881. O primeiro é que a história nacional, estava sendo reinventada, reorganizada e restaurada a partir da tradição e partir das estruturas nacionais estabelecidas por este evento e por este documento. Era preciso na aquele momento no início década de 1880, onde o regime monárquico já passava por duras críticas, questionamentos e contestações era preciso reabilitá-lo e prepará-lo a sua continuidade com o reinado da próxima Imperatriz, D. Isabel.

⁸⁴ Ramiz Galvão, discurso de inauguração da Exposição Nacional de História em 02 de dezembro de 1881. Acessado em 17/06/2023 em: In:<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_07&pasta=ano20188&pesq=Exposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20Hist%C3%B3ria%201881&pagfis=4504>.

Figura 16 – Capa da Edição fac-símile de 1981, na publicação em memória do 1º centenário de publicação do Catálogo da Exposição Nacional de 1881, publicado pela Editora UnB



Fonte: Acessado em 29/06/2023: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg583139/drg583139.pdf.

Para este serviço era necessário enaltecer a história do país desde o empreendimento colonizador e principalmente a partir da independência do Brasil como uma obra do regime monárquico e que consolidação do país como nação e um vasto território, pela dinastia dos Bragança.

As informações do caráter físico e tamanho sobre o Catálogo demonstram o seu objetivo de expressar a grandeza e a monumentalização da Exposição que ele apresenta e ratifica para posteridade histórica: o catálogo da exposição de história do Brasil tem dois volumes e um suplemento que ao todo formando assim em 3 volumes, que contabilizam ao todo 1907 páginas, 19.288 referências que, somadas às do suplemento, atingem o grandioso número de 20.337 entradas. Até hoje, o catálogo teve três edições, a original de 1881, e outras duas publicações em fac-símile: a de 1981, editada pela UNB por ocasião do centenário da sua publicação onde o comentário da introdução é feito por José Honório Rodrigues e outra no ano 2000, editada pelo Senado Federal com o mesmo texto de introdução da edição de 1981. Essas duas últimas edições têm um lapso numérico de 10 páginas, que não foi corrigido.

Um aspecto importante do Catálogo, é modelo que foi utilizado para a sua divisão, em duas secções e 20 classes para apresentar a vasta tipologia de documentação e no modelo abaixo vamos indicar como foram organizadas as secções e classes:

| |
|---|
| SECCÃO LITERARIA |
| I. PRELIMINARES |
| Classe I: Geografia do Brasil |
| Classe II: Estatística |
| Classe III: Publicações Periódicas |
| II. HISTÓRIA DO BRASIL |
| Classe IV: História Civil |
| Classe V: História Administrativa |
| Classe VI: História Eclesiástica |
| Classe VII: História Constitucional |
| Classe VIII: História Diplomática |
| Classe IX: História Militar |
| Classe X: História Natural |
| Classe XI: História Literária e das Artes |
| Classe XII: História Econômica |
| Classe XIII: Biografia |
| Classe XIV: Numismática |
| SECCÃO ARTÍSTICA |
| Classe XV: Vistas, paisagens, marinhas |
| Classe XVI: História |
| Classe XVII: Tipos, usos e trajes |
| Classe XVIII: Genealogia, heráldica |
| Classe XIX: Retratos, estátuas e bustos |
| Classe XX: História Natural |

Na tabela acima, vemos apresentado como foi a organização do Catálogo, que se diferencia da organização das Salas da Exposição, porque em nossa pesquisa detectamos o indicio de o ato exposição da História do Brasil em tipos diversos documentais e aqui é vital para a compreensão de quem vai realizar a leitura desta trabalho futuramente, no século XIX, não existiam as conceitos de museologia, organização arquivística e documental que temos em nossa atualidade, embora a História enquanto ciência se consolidou no século XIX, suas metodologias e instrumentais teóricos-conceituais ainda advinham dos períodos anteriores, onde nas tradições dos antiquários e da escola positivista, onde os objetos e documentos de estado e narrativa de vida vultos históricos, a crônica de eventos por observadores in loco e tudo isto sendo apresentado e representado em forma de documentos, fotografias, cartas, diários, contratos, estátuas, pinturas, peças de vestuário e etc.

Neste período continham em si um valor “*verdade histórica*” (este é um conceito que, ouso dizer, para muitos intelectuais de nossa área não encontra espaço para se ajustar nos métodos de fazer “História” e realizar as operações historiográficas, por que a “*verdade*” tem nas suas origens o dogmatismo que não pressupõe ou admite a dúvida, a crítica, a confrontação e a contestação que são inerentes a metodologia da história, enquanto ciência).

Tem um dado que nos chama atenção na Seção Artística, na Classe XII que trata de História Econômica, é no 6º parágrafo que trata da *Colonização, Civilização dos Índios*, que se encontra no volume II do Catálogo, se verifica no processo de quantificar os dados da fonte, que, enquanto nos itens A e B deste parágrafo temos 189 entradas sobre de diversos documentos, como contratos, estudos, cartas, contratos de empresas e firmas de imigração, em relação as populações indígenas que estavam localizados no item C do mesmo parágrafo, e eram um dos símbolos da nacionalidade do país no século XIX os registros no catálogo contam apenas com 21 entradas, com está informação aferimos a diferença de tratamento do tema e da importância objetiva em relação aos indígenas nas políticas do Império do Brasil. Era uma verdadeira e grande distância entre a representação da coragem, na pureza, do amor a terra e dos valores dos povos originários na iconografia e nas artes e a sua importância na formação como elementos da população brasileira naquele período⁸⁵.

2.4 A memória nacional na Exposição de 1881

Nos deteremos agora, lançar uma discussão sobre a memória; foi um instrumento presente na Exposição Nacional de 1881 e alguns temas tratados durante a exposição como identidade nacional, as tradições, e formação da memória coletiva que cerca de 50 anos depois, foram retomados a partir das décadas 1920 a 1940, num movimento reabilitação e seleção de memórias, que a Republica queria construir do Império do Brasil para as gerações daquele período. Para isso vamos iniciar reflexão com o conceito de memória apresentado por Fernando Catroga, onde ele afirma que nos fala que a produção historiográfica produz de em

⁸⁵ Acessado em 28/06/2023: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg583139/drg583139.pdf. pag. 1251-1268.

um processo próprio o trabalho de construir e realizar a memória através de seleções, discursos e processos⁸⁶.

O autor, realiza as análises acerca da memória coletiva, indicando num primeiro momento sobre a questão relação da memória e do monumento e fala-nos de os registros, traços e indícios são os primeiros sinais de memória inscritos na mente que Fernando Catroga denomina em atos de metámemória que requerem o tempo e o espaço para o rito e as práticas possam ser realizadas com uma frequência objetiva e contínua e pode ser associada as sociedades sem escrita, mas essas práticas e está ato de metámemória não entra em confronto com a construção das memórias coletivas e sua reprodução.

Fernando Catroga, neste movimento mobiliza o conceito de metámemória não como uma oposição as memórias coletivas e sim como um meio de valida-las, em certo sentido até porque ao recorrermos o autor deste conceito, Jöel Candau⁸⁷, que afirma que a metámemória e um modelo ou regime de memória associado ao chamamento de uma unidade, ligação ou unicidade contínua e forte. Esta última diz respeito à construção identitária. É a representação que fazemos das próprias lembranças, as nossas percepções e compreensões dela.

Outro aspecto, que Fernando Catroga indica a monumentalização dá através construção de marcos como signos e conexões de memória que criam realidades espaço-temporais que em ambos os conceitos vão dialogar e se encontrar na manutenção da memória de modo físico. O monumento age nesse sentido como um ressuscitador e mantenedor da memória e não apenas numa exibição distante e paralisada, o monumento passa a realizar um ato afetivo, um diálogo entre presente e passado.

O movimento de inaugurar uma Exposição de forma monumentalizada sobre a história e “narrada” a partir da ótica do regime – a Monarquia estabelecida a partir do ato da independência do país e que formou um Império gigantesco, consolidado e civilizado nas Américas. Outro indício diz respeito ao como foi pensada, construída, organizada e montada a disposição das salas no espaço da Biblioteca Nacional.

Todo o aspecto monumentalização e da associação a memória da nacionalidade e do regime de governo vigente nos é apresentado pelas fontes, em nossa compreensão, a Monarquia Um signo importante para refletir sobre está questão é que a Exposição Nacional de História foi inaugurada no dia do aniversário natalício do Imperador Dom Pedro II, uma

⁸⁶ CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Editora FGV, 2016.

⁸⁷ CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**; tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

deferência não só a instituição monárquica, mas a pessoa do Imperador do que representada a solidez do regime de como ele foi o responsável pela consolidação do país como nação.

Uma informação importante, nos chamou a atenção na leitura e compreensão do evento e do seu produto principal, o catálogo, é o de silenciamento da maior marca de injustiça da história do Brasil desde o tempo da colônia. A escravidão de negros vindos da África e de seus descendentes desde o século de fins do século XVI, não estão no catálogo, na exposição e no discurso de inauguração da exposição, ou em qualquer momento a uma referência a questão servil dos negros e da sua importância para construção do país, da nação e da nacionalidade.

Este silêncio das fontes citadas, exige de nós historiadores mais e mais trazer em discussão e debate as visões distorcidas e errôneas sobre a criminoso intuição da escravidão no Brasil, que nos deixou pesada e odiosa herança, um racismo estrutural que persiste em resistir e ser defendido e perpetuado em nossos dias, que vai exigir dos professores de História e dos Historiadores, que somos um combate para além de discursos, simpósios e produções acadêmicas que muitas e muitas não saem dos muros das Universidades e centros de produção acadêmicas.

Penso e defendo que este combate contra o racismo estrutural, tem uma das suas raízes no silenciamento que vemos como já indicado na Exposição de História de 1881 e no seu Catálogo silenciando a presença do negro na formação nacionalidade no Brasil desde a Colônia, essa desigualdade tem de ser desvalada nas salas dos ensinamentos fundamental e médio, que é para mim e para a muitos no exercício da profissão e ofício do Professor de História, o principal espaço questionamento, denuncia e combate e para despertar em todos os nossos alunos, que a escravidão como instituição de estado e privada deixou marcas e perpetuou mentalidades, discursos, práticas e ideias que persistem infelizmente até hoje.

Mas que cabe evidenciar, que o outro elemento de formação da nacionalidade está presente na relação de algumas obras do catálogo e estava representado em salas da Exposição Nacional de História 1881, os indígenas, que no ano seguinte em 1882, seriam o tema e o objeto principal de protagonismo da Exposição Antropológica, que aconteceu no Museu Nacional⁸⁸.

Os Indígenas, foram representados, como a imagem oficial do Império do Brasil na iconografia, nas obras de literatura, nas pinturas, nas esculturas e outras manifestações

⁸⁸ AGOSTINHO, Michele de Barcelos. **A Exposição Antropológica Brasileira de 1882: práticas de colecionamento e circulação de indígenas no Museu Nacional**. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, v. 41, 2017.

artísticas para a população interna e para o público do exterior porque ele representava a força, a coragem e o amor a terra, que eram elementos importantes discursivos do romantismo no século XIX como instrumental de mobilização das mentalidades e dos sentimentos para provocar e assimilar o sentido da nacionalidade dos cidadãos do país e estava intrinsicamente presente no nacionalismo deste século⁸⁹.

Mas como apresentamos no capítulo 01 deste trabalho, ao apresentar o Catálogo do Império do Brasil para a Exposição Nacional de Paris de 1867, o indígena recebia o tratamento diferente do que era representado como modelo de força, coragem e amor a terra. Ele recebia um tratamento que remetia aos tempos da colônia que via os indígenas como indolentes, selvagens e pagãos que precisavam ser catequizados e “domesticados” pelos brancos colonizadores europeus e pelos membros do clero.

E isso inevitavelmente me remete ao tratamento que os povos indígenas tem recebido nos últimos anos, perpetuando o massacre de séculos contra as populações originárias, a sua cultura e seus espaços de vida e convivência. Porque penso também que um dos deveres do professor de História é realizar as conexões entre o passado para um questionamento e críticas, mais consolidadas e eficazes no tempo presente.

Fernando Catogra, indica-nos que a identidade está associado aos processos de esquecer, silenciar e excluir e neste sentido também podemos recordar na década de 1920, 1930 e 1940 no Brasil em particular no período Estado Novo um processo de esquecimento de apagamento da memória da Velha República ou República dos Governadores e uma exaltação da memória do Império do Brasil e está rememoração da monarquia que tinha sido derrubada cerca de 50 anos antes por um golpe estava neste período reapresentado aos brasileiros e em particular as gerações mais jovens daqueles anos.

Este movimento de esquecer a República Velha, tem como marca datada em a partir de 1922, quando a nação comemorava o centenário da Independência, quando alguns atos do governo federal marcaram a reabilitação da figura e da importância histórica dos imperadores Dom Pedro I como herói da Independência e Dom Pedro II como monarca filósofo, a suspensão do Decreto de Banimento da Família Imperial e o convite aos membros da Dinastia dos Bragança para as comemorações do centenário da nação e neste sentido o esposo da Princesa Isabel, o Conde D’Eu, participou dos eventos. Cabe indicar que ano de 1922, o Brasil foi sede de uma Exposição Universal para a Comemoração da Independência da Nação. A partir deste momento histórico e dos eventos indicados a memória da monarquia no Brasil

⁸⁹ THIESSE, Anne-Marie. “Ficções criadoras: As identidades nacionais”. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15, pp. 7-23, 2001/2002.

passou por um processo de reabilitação crescente e gradativa que se estende até a década de 1940.

Como já indicamos em particular no período da ditadura do Estado Novo, o Presidente Getúlio Vargas e operadores do estado com objetivo de colocar em descrédito a histórica e a memória da então chamada “República Velha”, iniciaram um processo de consolidar e de monumentalizar da história do Brasil Império, com os atos solenes como a transladação e o sepultamento dos restos mortais de D. Pedro II e da Imperatriz D. Tereza Cristina num Mausoléu na Catedral de Petrópolis, a inauguração de estátuas dos Imperadores dos Imperadores do Brasil, batismo de ruas, avenidas, hospitais, etc. Mas auge e o momento culminante deste processo de reabilitação e monumentalização, foi a criação do Museu Imperial nesta mesma cidade e no mesmo imóvel que era a residência de verão do Imperador Dom Pedro II⁹⁰.

Com estes movimentos e atos se realizou a transformação da cidade de Petrópolis como o território da herança, da guarda bibliográfica, documental, iconográfica e da memória da história imperial brasileira⁹¹, cabe ressaltar que em todos estes atos contaram com a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas e de diversas autoridades de todo país.

Outro autor que nos dá uma importante definição e reflexão, sobre memória coletiva e tradições inventadas, Eric Hobsbawn⁹², também ressaltada que a concretização de uma nação e o ato de forjar sua nacionalidade e identidade nacional para a população é uma obra do Estado, a partir de interesse econômicos e políticos que visam unir através de símbolos, discursos, atos e comportamentos criar o ideal de nação nas mentalidades e sentimentos das pessoas inculcar-lhes uma nacionalidade, para este sentido e objetivo foi e é importante criar, propor e “inventar as tradições”, que podem ser reconhecidas como elementos tão imemoriais quando não são.

O autor, indica os exemplos das bandeiras e hinos, de figuras como (Tio Sam nos E.U.A e na Marianne na França), também os uniformes de corporações militares que

⁹⁰ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Museu Imperial: a construção do Império pela República**. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos, p. 111-131, 2003.

⁹¹ Acessado em 21/06/2023 em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao16268/museu-imperial#:~:text=O%20Museu%20Imperial%20%C3%A9%20criado,do%20per%20%C3%ADodo%20mon%20A%20do%20Brasil>.

⁹² ANDERSON, Benedict. “Introdução”; “As origens da consciência nacional”; “O anjo da história”; “Memória e esquecimento”. In: **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. SP: Cia das Letras, 2008, pp. 26-34; pp. 71-83; pp. 216-225; pp. 256-280.

objetivamente podem não ter sentido nos tempos contemporâneos, mas evocam memórias de uma mitologia nacional.

Outro movimento de reabilitação ou melhor de criação de marco memória coletiva e tradição inventada a serviço da unidade e da identidade nacional é a institucionalização do Regimento dos Dragões da Independência, o denominado 1º Regimento de Cavalaria do Exército Brasileiro que conhecemos como, “*Dragões da Independência*”, estão presentes na memória coletiva da população e na simbologia nacional de diversos modos, mas o mais conhecido é o que está representado no quadro do pintor Pedro Américo de Figueiredo do ano 1888, mas a guarda que inspirou os soldados que saúdam o Dom Pedro no ato da independência na verdade remetiam a um regimento que foi dissolvido 1832 e depois assumiu outras funções mas com indumentárias e uniforme diferenciados.

A partir de 1916 pela iniciativa do então deputado Gustavo Barroso que depois viria ser o primeiro diretor do Museu Histórico Nacional foi feito este primeiro movimento de conectar este regimento e seus uniformes a história a identidade nacionais, apenas 1926 foi formalizado o seu uso pelos membros do Regimento e em 1936 um decreto presidencial fez este uniforme e suas indumentárias de uso exclusivo e também receberam o nome definitivo de Regimento dos Dragões da Independência⁹³

Esses dois movimentos podem ser compreendidos na também na chave de leitura de ritos de recordação, como nos diz Fernando Catroga que a conexão da em escala de sociabilidade dos grupos e classes que compõem a nação através de critérios e acordos que unificam e ligam entre afetividade e o conhecimento e também de normativas e memória através de mensagens que provocam nas pessoas os senso dever e guarda daquelas recordações como um meio da identidade e instrumento do coletivo da história da nação.

Benedict Anderson⁹⁴, afirma que processo de formação das nações e das nacionalidades não podem ser datados em uma temporalidade com início, desenvolvimento e fim, porque estes processos surgem a partir de atos de cultura que são advindos das populações e devem ser analisadas a partir das suas origens históricas e levando em consideração as modificações que sofrem no progredir do tempo e que estão ligados aspectos efetivos e emocionais das populações, que anterior as estruturas dos estados.

⁹³ LIRA, Paola Angela Carvalho; SOUZA, Kaunna Vasconcelos de. **Comunicação museológica: análise do processo de musealização do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência**. Seminário Brasileiro de Museologia (4.: 2019 jul. 29-ago. 01: Brasília, DF). Anais. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2019.

⁹⁴ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. SP: Cia das Letras, 2008.

O autor, define as nações e as nacionalidades como comunidades imaginadas onde nem todos os cidadãos tem uma percepção plena de toda a complexidade do país onde vivem, mas possuem a convicção de que são parte da nação e tem consciência desta nacionalidade e desta memória da nacionalidade

A partir destas compreensões podemos indicar que em certo sentido a também dialoga com Benedict Anderson⁹⁵, indica no texto a perspectivas de dois historiadores do Neste ato ocorre a substituição de uma memória ou acontecimento em detrimento de uma memória ou acontecimento anterior que possa estar a serviço aos interesses e escolhas políticas de um grupo em determinamos momentos e sociedades e que agem como comunicadores da compressão da realidade da população a quem é dirigida a narrativa.

O autor ao indicar as relações comemoração e poder com a seguinte, definição:

se a memória é a instância construtora e solidificadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objecto de poder(es), quer mediante a seleção do que se recorda, quer do que, consciente ou inconscientemente, se silencia. É quanto maior é a sua expressão social, mais se corre o risco de o esquecido ser a consciência lógica da “invenção” ou fabricação de memória(s).⁹⁶

Nesta citação, Catroga indica que só tem objetivo realizar a escrita da história da memória das sociedades e dos países se em paralelo escrever também a história dos seus esquecimentos e assim realiza a escrita de uma “história- memória”, como indica o autor.

Nesta perspectiva, poderíamos indicar que ao exaltar os feitos dos colonizadores portugueses e da monarquia representada na dinastia dos Bragança e em certa medida mesmo que controla e bem distante da exaltação ao elemento colonizador branco e europeu a recordação do indígena como símbolo da força, da coragem e do amor à pátria o durante como representação do Brasil Imperial e do apagamento do papel e da importância do negro africano escravizado na história e na construção da nação.

A Exposição Nacional de História de 1881 poderia ter também a partir desta leitura realizado uma história da memória dos colonizadores portugueses e até dos indígenas em certa medida e uma história do esquecimento dos negros e do trabalho escravo. Fica nossa reflexão neste sentido.

A Exposição Nacional de História de 1881 e seu catálogo serviram como instrumento de recontar, rememorar e reinventar a História de 300 anos do Brasil naquele momento da

⁹⁵ ANDERSON, Benedict. “Memória e esquecimento”. In: **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. SP: Cia das Letras, 2008, pp. 256-280.

⁹⁶ CATROGA, Fernando. *Ibidem* pag. 55.

nação, e como já indicamos como uma preservação da memória do país para um futuro do regime monárquico o III Reinado sob a condução da Princesa Isabel que manteria a condução e desenvolvimento sob a dinastia dos Bragança que foram os responsáveis pela consolidação da Independência e pela unidade do Império do Brasil.

A memória coletiva, que estava presente nas salas da Exposição e nas folhas do catálogo deveriam ser o norte e guia para o futuro de desenvolvimento, justiça, paz e prosperidade de um Império nas Américas que se espalhava na Europa para alçar posição no hall das nações fortes e civilizadas do século XIX.

A nação, nacionalidade e a memória do Brasil naquele momento histórico foram projetados na perspectiva do modelo positivista da construção do discurso da História onde o documento oficial e de estado traz em si o elemento da “verdade” dos fatos narrados e descritos e também outra compreensão de realizar historiografia no século XIX a concepção antiquária, o documento (não só livros, impressos) e sim tudo que possam ser instrumentos para narrar um acontecimento como quadros, gravuras, objetos e mesmo fotografias apresentam a realidade que eram vistas neles sem contestações, confrontações ou críticas.

Assim Exposição de História de 1881 foi uma seleção de que História ficaria de legado as gerações futuras, que personagens seriam os seus protagonistas, que eventos foram relevantes para a construção do país e da nacionalidade, mas também o que foi necessário e preciso ficar no esquecimento e no apagamento da memória da nação e da sua gente. A monumentalização da Exposição e de seu Catálogo foram imprescindíveis para marcar na memória coletiva dos brasileiros que a visitaram ou tomaram conhecimento dela.

2.5 A produção historiográfica sobre a Exposição de 1881

Em conclusão, cabe indicar-nos que este é o segundo trabalho de Pós-Graduação, sobre está realização da Exposição de História de 1881, que se junta a outras produções sobre o tema e que indicamos e que foram fontes fundamentais para a nossa pesquisa.

O historiador José Honório Rodrigues, na introdução que escreveu na republicação da cópia fac-símile do Catálogo por ocasião dos 100 anos da sua publicação em 1981, se refere assim a este documento: "Um monumento bibliográfico-histórico, a maior bibliografia histórica publicada sobre um país no mundo. Nem as bibliografias do mundo europeu, nem a norte-americana, se comparavam, na época, ao Catálogo da Exposição de História do Brasil

publicado em 1881”⁹⁷. Este autor afirma que o Catálogo destaca a grandiosidade da Exposição e do Catalogo como evento para a grandeza e exaltação de Nação Brasileira.

A tese de Ana Paula Sampaio Caldeira⁹⁸, defendida em 2015, embora não aborde objetivamente sobre a Exposição de História e o catálogo de 1881, analisa sobre o seu idealizador e executor deste empreendimento, o então diretor da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão. Neste trabalho, a autora apresenta este personagem tão ilustre, mas que ainda dever ser evidenciado pela histografia. Ana Paula Sampaio nos apresenta Ramiz Galvão como um “bibliotecário perfeito” a partir do texto do bibliotecário e intelectual Edson Nery da Fonseca.

O trabalho apresenta a biografia de Ramiz Galvão e o apresenta como intelectual, agente do estado e principalmente como historiador e neste ofício ele o exerceu com destaque e fundamental importância em três instituições fundamentais para a escrita da história nacional entre a segunda metade do século XIX e até os anos 1930: a Biblioteca Nacional, IHGB e a ABL. Neste trabalho a autora dedica um capítulo específico sobre a Exposição Nacional de História de 1881.

Ana Paula Sampaio Caldeira, em seu trabalho sobre Ramiz Galvão como já citamos, nos auxilia na argumentação da necessidade aprofundar este tema na produção historiográfica:

Poucos também foram os historiadores que se debruçaram sobre essa iniciativa editorial. Além da introdução escrita por José Honório Rodrigues e do artigo de Lorelai Kury e Maria Eliza Amadeo, duas importantes análises foram feitas por Eliana Dutra e Maria Inês Turazzi⁹⁹.

Como já aferimos nossa pesquisa vem para contribuir para a divulgação do tema sobre a Exposição Nacional de História e Geografia do Brasil de 1881 e da produção de seu Catálogo tendo como campos de análise nos temas da historiografia do século XIX, na construção da nacionalidade e das representações do Império do Brasil para os nacionais e em particular para as nações europeias que eram o modelo de civilização e progresso que o Brasil almejava seguir. Também é contribuir e neste sentido dar continuidade aos trabalhos acima indicados por Ana Paula Sampaio Caldeira.

⁹⁷ RODRIGUES, José Honório. Introdução. **Catálogo da exposição de história do Brasil**. Editora Universidade de Brasília, 1981.

⁹⁸ CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. **O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional**. 2015. 362 f. Tese (Doutorado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

⁹⁹ CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *Ibidem*. pag. 212-213

No texto de introdução na republicação fac-símile do Catálogo da Exposição por ocasião dos 100 anos da publicação em 1981, o José Honório Rodrigues que era um profissional da história dedicado a leitura minuciosa e crítica dos documentos faz uma reflexão sobre a herança do catálogo para a historiografia e de como esta obra precisa ter retomada as suas análises e contribuições para a escrita da história do país naquele período, o século XIX, e para os períodos seguintes. E exalta a importância e grandeza documental do mesmo, mas, faz reparos sobre a necessidade de sua atualização e de correções.

Após 19 anos, ano 2000, Lorelai Kury e Eliza Amadeo¹⁰⁰, publicam no volume 120 dos Anais da Biblioteca Nacional um artigo sobre que tem objetivo de apresentar pesquisa empreendida por elas para colocar em relevância a importância da Exposição Nacional de 1881 e do seu catálogo como temas da historiografia nacional e neste artigo as autoras realizam a conexão e diálogo do catálogo e da cobertura pelos periódicos da época da Exposição como fontes que além do cotejamento realizam o movimento de diálogo de fontes produzidas em ambientes diferenciados e também ressaltaram o papel de Ramiz Galvão função de mobilizador intelectual que promoveu a biblioteca nacional como centro de produção intelectual, espaço de guarda e organização da memória nacional a partir da organização de seu acervo documental e bibliográfico.

Em 2004, um novo texto e trabalho são produzidos por Eliana Dutra¹⁰¹, onde ela indica um itinerário metodológico de análise do catálogo como fonte histórica e de como a exposição foi organizada e as lacunas que existiam entre o produzido e o evento produzido. Em nossa compreensão este trabalho de Eliana Dutra foi um influenciador definitivo de que caminhos tomaríamos no percurso de leitura e comparação das fontes.

E neste trabalho também que é um trecho do discurso de inauguração feito pelo organizador da Exposição Nacional de História e então diretor da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão se utiliza das figuras de linguagem de como um povo sem história não são uma “tela imortal”, são “uma multidão confusa”, e não era “fato sociológico” entre as imagens que o autor do discurso escolheu para indicar como um país que não considerava o zelo pela sua história não tinha nacionalidade e não era uma nação formada e nem teria como legar um futuro para as gerações seguintes. Eliana Dutra apresenta o catálogo como uma “vitrine da

¹⁰⁰ AMADEO, Maria Eliza; KURY, Lorelai. **O Catálogo da Exposição de História do Brasil**. Anais da Biblioteca Nacional, p. 323-334, 2000.

¹⁰¹ DUTRA, Eliana de Freitas. **A tela imortal. O Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881**. Anais do Museu Histórico Nacional, v. 37, p. 159-79, 2005.

nação”, que podemos perceber advinda do trabalho de Margarida de Souza Neves¹⁰², sobre as Exposições Universais no século XIX, uma vitrine a partir de sua história e do documento que apresentava está vitrine: o catálogo, a autora também apresenta as etapas de construção e divisão das seções do documento.

É importante ressaltar que no de 2007, foi produzida única dissertação de Mestrado sobre com o tema da Exposição Nacional de História, de autoria de Maria Eliza de Souza Gomes Amadeo¹⁰³, em que ela realiza um trabalho a partir da documentação para identificar os indícios de como o Brasil foi documentado em séculos de história e apresentado no catálogo. Cabe ressaltar que sem o trabalho de Eliza Amadeo, não seria possível e viável continuar este trabalho com substancia e fôlego, nele a autora indica que a Exposição Nacional de História, foi um evento da ação de um intelectual e seu grupo de colaboradores e funcionários para pôr evidência uma instituição, no trabalho e para a obra de construção da historiografia e da memória nacional do século XIX.

No ano de 2009 Maria Inez Turazzi¹⁰⁴, publicou o livro cujo o tema de uma vasta pesquisa inicia junto a Biblioteca e o Acervo do Museu Imperial de Petrópolis e do seu trabalho de pesquisa e curadoria nesta instituição, neste trabalho autora dedica-se a um particular e minucioso estudo do acervo imagético e iconográfico presentes na coleção de estampas da Biblioteca Nacional. Maria Inez Turazzi, apresenta nesta obra a importância de a partir da coleção iconográfica e de estampas presentes no acervo da Biblioteca Nacional que estavam expostas na Exposição e no Catálogo a construção de uma fisionomia da nação a partir deste tipo documental.

Todos estes trabalhos acima relacionados e apresentados em suas ideias e propostas centrais fazem parte de nosso inventário bibliográfico que foram e tem sido instrumento de dedicada e exaustiva leitura para a construção de nossa pesquisa e escrita de nossa dissertação.

Em todo este trabalho, o grande exercício foi realizar a pesquisa no sentido de indicar a fonte que é o *Catálogo*, como instrumento que apontava para o objeto que é a, *Exposição de História e Geographia do Brazil de 1881*, realizando as leituras de modo continuado e mesmo

¹⁰² NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1986.

¹⁰³ AMADEO, Maria Eliza de Souza Gomes. *O Catálogo de Exposição de História do Brasil (1881): documentando a nação*. 2007.167f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

¹⁰⁴ TURAZZI, Maria Inez. *Iconografia e patrimônio: o catálogo da exposição de história do Brasil e a fisionomia da nação*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

repetitivo para trazer a compreensão mais objetiva ao leitor deste tema que como indicamos acima carece de mais e mais historiadores que se debruçam sobre ele nos tempos contemporâneos.

Porque a Exposição de História de 1881 e principalmente o Catálogo, podem através de seu vastíssimo elenco de referências e tipos documentais variados abrir janelas para outras temáticas da História e da Historiográfica no Brasil do Século XIX e suas conexões com os tempos atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o nosso percurso durante esta pesquisa e trabalho, realizamos a escolha de analisar, ler, refletir, cotejar, criticar e realizar conexões a partir da fonte principal, o Catálogo da Exposição de História de 1881, que é era efetiva e presente deste evento que aconteceu no início da última década do regime monárquico no Brasil.

E a escolha das Exposições Universais como ponto de partida da nossa pesquisa e trabalho, se deu por os eventos exposições tiveram origens na França no final do século XVIII e no século seguinte, se desenvolveu uma verdadeira cultura das Exposições das mais variadas temáticas e motivações. Mas, as Grandes Exposições Universais ou Internacionais foram o auge desse fenômeno entre a segunda metade do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, mas desde a 1ª Guerra Mundial, perderam o seu ideário civilizatório, de demonstração da convivência e disputas das nações não pelas armas apenas, mas pelo progresso, pela tecnologia e pelo saber científico e industrial em seus mais variados campos. Esta cultura foi abrangente e permanente no século XIX, o “século das ciências”, em que cidades e regiões proviam exposições para a sua exibição e promoção, no Brasil Imperial as exposições também aconteciam em âmbito regional e provincial¹⁰⁵

A exposição de História como nosso objeto levantou indagações e questionamentos importantes de como operadores do estado brasileiro naquele período viam a imagem nação diante do mundo, lidavam com contradição ao buscarem e perseguirem adesão do país ao sistema capitalista liberal presentes no século XIX e manterem a escravidão como base da produção econômica, baseada na agroindústria do café e nossa marca mais criminosa e letal, marca para a toda a sociedade brasileira até atualidade.

As exposições internacionais e nacionais se prestaram para o país também realizar o apagamento da questão servil, a escravidão como instituição que vigorava por mais de 300 anos desde os tempos coloniais dos negros capturados na África e de seus descendentes como mercadorias e peças de trabalho para fazer girar o maquinário da economia, da mão de obra e riqueza da nação e das elites políticas e aristocráticas¹⁰⁶. O apagamento dessa realidade tão atroz e dura também aconteceu na Exposição e no seu Catálogo.

¹⁰⁵ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Exposições. In. **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, pag. 252-253, 2002.

¹⁰⁶ MAUAD, Ana Maria. **Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado**. História da vida privada no Brasil, v. 2, p. 181-232, 1997.

Outra questão é que a figura do indígena, que era utilizado como um dos símbolos da nacionalidade e do Império era representação ilusória, ficcional do real tratamento que recebera também desde os tempos da Colônia, e porque afirmo que era ilusória e ficcional por nos poemas, nas obras de arte, nas peças teatrais, nas esculturas os índios eram os heróis e guerreiros símbolos da coragem dos brasileiros, do seu amor à pátria e da harmonia e convivência.

O brilho de suas pinturas, enfeites e das cores fortes da pele e seu artesanato e armas eram instrumentais de guerra eram objetos estudos antropológicos e exibição do modo exótico de viver, quando na realidade seguiam sendo dizimados por perseguições e invasões de suas terras originárias com a destruição de suas culturas e modo de vida em nome da civilização, da cristianização e progresso na da nação.

Neste processo de criação ilusória para os indígenas foi produzida uma farta produção literária e pictórica dos primeiros habitantes do Brasil, mas segundo os conceitos, dogmas e modo de vida dos colonizadores seguindo uma estética europeia. E este modelo persistiu até no período da velha república, um exemplo que nos evidencia isso, é a escultura *Ubirajara*, de autoria de Léon Després de Cluny, confeccionada no século XIX, em bronze maciço a estátua de caráter monumental que representa a figura de um indígena defendendo a sua família do ataque de uma serpente gigante, expressando em sua fisionomia e gestual a força, bravura e coragem do indígena, e como num exercício de espelhamento em frente da estátua *Ubirajara*, a outra estátua representado um dos heróis da mitologia grega, a estátua *Perseu*, também em bronze que tem atribuída a autoria de Manuel Chaves Pinheiro em cena semelhante ao do indígena¹⁰⁷.

Outro instrumento de propaganda de representação de imagem e auto-imagem de que o Império do Brasil se utilizou nas Exposições Internacionais ou Universais, nas Exposições Nacionais e na Exposição de História de 1881, era magnitude territorial do Império do Brasil, com a sua exuberância de fauna e flora e de natureza espetacular que estavam presentes nos documentos oficiais e até nos trajes de estado Imperador Dom Pedro II como a gola de penas de tucanos¹⁰⁸ estavam nos estandes ou pavilhões de representação do Brasil nas Exposições

¹⁰⁷ Acessado em 30/06/2023: https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/republica-em-documentos_colecao-de-alegorias_web.pdf.

PEREIRA, Marcelo de Souza. UBIRAJARA. In. **A República em Documentos Série de Documentos Museológicos nº 5 Coleção de Alegorias** (Org). Mario Chagas e Marcelo de Souza Pereira. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019. pag. 26-37.

¹⁰⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Os trópicos como espetáculo: a participação brasileira nas exposições universais de finais do século XIX.” In. ANDERMANN, Jens e STEPHAN, Beatriz Gonzáles. (Org.). **Galerías del**

Universais de 1862 a 1889, este o traje que estão representados em estátuas, litografias, gravuras e pinturas, como na famosa tela de Pedro Americo de Figueiredo “Fala do Trono”, 1873.

A cerca de Exposição de História, já indicamos os seus variados símbolos, discursos e paradigmas desde sua preparação até o seu legado para a historiografia. Mas cabe ressaltar que na Exposição de História de 1881, a nossa reflexão que já chegando ao final, vai de encontro de nossas duas hipóteses, que foram apresentadas durante a pesquisa e a dissertação:

- 1º A Exposição se prestou glorificar monumentalizar o regime monárquico desde os tempos imemoriais da História do Brasil tendo seu auge a Independência da Nação pela Dinastia dos Bragança e a consolidação do Império no Segundo Reinado de Dom Pedro II e projetar o conhecimento aos livros e o amor à pátria, a memória de civilidade e estabilidade do país na imagem do Imperador, do seu panteão de heróis, na vasta produção iconográfica sobre as terras do Brasil, na profunda e imensa literatura do e sobre o Brasil, na descrição e exaltação da cristianismo que trouxe a tranquilidade as almas dos povos originários e na louvação a vigora e muito diversa natureza exuberante do portentoso Império que trazia em si e era “um fragmento da Europa” nos Trópicos e que sobrevivia com superioridade em meio a instabilidade dos países vizinhos que eram governados pelos conturbados regimes republicanos representado por caudilhos ditadores e déspotas como Solano Lopéz, o que foi derrota pelo Império anos antes na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, toda está gloria e estabilidade para o futuro palavra que Ramiz Galvão projeta e já fazia propaganda para instauração daquilo não se realizaria, o Terceiro Reinado, sob aquela que seria a futura Imperatriz, D. Izabel I;

- 2º Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz, o jovem médico, professor e já intelectual ao assumir a Biblioteca nacional tomou como missão moderniza-la, renova-la e habilita-la como a exemplo do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), o Museu Nacional e Archivo do Império (hoje Arquivo nacional), a Biblioteca como uma instituição de estudos, de promoção e produção científica e histórica do país, e guardiã privilegiada da nacionalidade, pelo vasto acervo documental de diversificada tipologia, que pôs a luz ao realizar o empreendimento da *Exposição Nacional de História e Geographia do Brazil de 1881*, e deixando como seu legado que ainda precisa e necessita ser mais e estudado e explorado para além de um manual de referências bibliográficas como um instrumento de produção historiográfica que serve a muitos temas, este documento traz as deficiências do

contexto e poca em que foi produzido como já indicamos na afirmação de José Honório Rodrigues em seus estudos, obras de historiografia e na Introdução da republicação do Catalogo em celebração ao da primeira edição em 1981.

Esse legado que o Catálogo e a Exposição tema que como já indicamos carece de mais produções e estudos e que se encontram íntegros e perenes na História da Biblioteca Nacional, que pode e deve suscitar em nossa geração de historiadores no campo da Historiografia, da História da Intelectualidade, da História dos Oitocentos e do Brasil Imperial e gerações seguintes e futuras de Professores de Historiadores o interesse por esta instigadora fonte e evento.

Assim, concluímos que a nossa pesquisa e dissertação poderá agora ser mais um instrumento de consulta e auxílio no estudo da História da Exposição de História de 1881 e da História do Brasil dos Oitocentos, com a certeza de que ainda este trabalho carece de correções e expansões melhores, mas com a convicção de pude contribuir para a construção da desta temática.

E cabe ressaltar que quando iniciamos e realizamos está pesquisa nos anos de 2020, 2021 e 2022, se faziam de algumas efemérides e a realização uma Exposição Universal em 2020 (que se realizou em 2021, em consequência da pandemia de Covid-19), onde o Brasil estava entre as nações com uma representação de maior relevância no evento a Expo-Dubai 2020, que contou com a presença do então Presidente e Vice- Presidente da República neste período, em vistas de promover o país na Exposição Universal daquele ano^{109, 110}. Os 150 anos da primeira Exposição Universal em Londres em 1851, no ano de 2021, os 140 anos da Exposição Nacional de História de 1881 e publicação do Catálogo em 2021 e os 150 anos da primeira participação do Império do Brasil na Exposição de 1862 em Londres, em 2022.

Essas efemérides nos serviram para indicar como está temática permanece no caminhar dos anos e da produção historiográfica e pode ser valorizada e ampliada em estudos, análises, críticas e reflexões.

¹⁰⁹ Acessado em 30/06/2023: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/13/bolsonaro-na-expo-2020.ghtml>. Em Dubai, Bolsonaro visita a Expo 2020 e se encontra com emir.

¹¹⁰ Acessado em 30/06/2023: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/vice-presidente-chega-dubai-para-promover-comercio-e-investimentos>. Vice-presidente chega a Dubai para promover comércio e investimentos Amanhã ele inaugura o pavilhão do Brasil na Expo 2020 Dubai.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de; SALVADOR, Vicente. Nota preliminar. **SALVADOR, Frei Vicente. História do Brasil.** São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918.

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. “**A Exposição Antropológica Brasileira de 1882: práticas de colecionamento e circulação de indígenas no Museu Nacional.**” Encontro Anual da ANPOCS, v. 41, 2017.

AMADEO, Maria Eliza; KURY, Lorelai. “**O Catálogo da Exposição de História do Brasil.**” Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, v. 120, p. 323-34, 2000.

AMADEO, Maria Eliza. “**O Catálogo de Exposição de História do Brasil (1881): documentando a nação. 2007.**” pag. 167 - Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BARBUY, Heloisa. “**O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na exposição universal.**” Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 211-325, 1996.

_____. **A exposição universal de 1889 em Paris.** São Paulo: Loyola, 1999.

BAUER, Otto. “A nação”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2000, p. 45-83.

BENJAMIN, Walter. **Paris, capital do século XIX.** In: KOTHE, Flávio R. (Org.). Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1985.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERSTEIN, Serge; RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História cultural.** Lisboa: Editorial Estampa, p. 20-21, 1998.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** v. 1, 11ª ed. Brasília. Editora UnB, pag. 1009-1015, 1998.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. “**O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional.**” 2015. pag. 362. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

_____. “**Viver em meio a livros: a atuação de Ramiz Galvão na Biblioteca Imperial (1870-1882).**” Anais do XIV Encontro regional da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio, 2010.

_____. “**Ramiz Galvão e a ideia de biblioteca como vitrine da nação: modelos europeus e trocas culturais no processo de modernização da Biblioteca Nacional.**” *História* (São Paulo), v. 36, pag. 1-30. 2018.

_____. “**A historiografia brasileira oitocentista a partir de outro ponto de observação: Ramiz Galvão e a edificação da Biblioteca Nacional.**” XXVII Simpósio Nacional de História Conhecimento histórico e diálogo social, 2013.

_____. “**Um republicano em plena monarquia. A construção das memórias de Ramiz Galvão no IHGB.**” *Revista IHGB*, pag. 164-195. 2016.

_____. “**Ramiz Galvão e o projeto de uma biblioteca nacional.**” GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais. In. Mediadores: Práticas culturais e ação política.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 177-215, 2016.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, Maria de Fatima da Silva; MATTOS, Garcia de. “**O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX.**” *dObra[s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, v. 3., n. 6, p. 96-103, 2009.

DE AZEVEDO, Fabiano Cataldo. **Ramiz Galvão e a primeira exposição organizada pela Biblioteca Nacional, 1880.** *Anais da Biblioteca Nacional*, p. 386-394, 2016.

DUTRA, Eliana de Freitas. “**A tela imortal. O Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881.**” *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 37, p. 159-79, 2005.

ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação. Fábrica de heróis e formação de brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FERREIRA, Cristina Araripe. “**Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na segunda metade do século XIX: a circulação do progresso nas exposições universais e internacionais.**” pag. 299. Tese. (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

FREITAS FILHO, Almir Pita. **Imagens de Persuasão da Modernidade na Exposição de 1881.** *História e utopias.* São Paulo: ANPUH, 1996.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. **Historiografia e nação no Brasil, 1838-1857.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

HEIZER, Alda. “**Os instrumentos Científicos e as Grandes Exposições do século XIX.**” In. FERREIRA, Luís Otávio; HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. In. **Ciência, civilização e império nos trópicos.** Rio de Janeiro: Access. pag.164-172. 2001.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KAZAN, Mariana Thomas. “**O império do Brasil nas Exposições Universais: um Projeto Nacional de Modernidade**.” Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 37, pag. 227-236. 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 525-541. 2003.

_____. Antigo/moderno. In. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 98-103. 2003.

_____. VERBETE: Modernidade. In: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. Contexto, pag. 297-301, 2005.

LEITE, Vanessa Mendonça. “**Os Refugiados do Pós-Segunda Guerra na Imprensa Carioca: uma análise fotográfica sobre os olhares de A Noite Ilustrada e de Revista da Semana**.” Dissertação. p. 125 (Mestrado em História Social PPGHS/UERJ) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2021.

_____. Verbetes: HISTÓRIA. **Enciclopédia Einaudi**, p. 107-259, 1984.

LIRA, Paola Angela Carvalho; SOUZA, Kaunna Vasconcelos de. “**Comunicação museológica: análise do processo de musealização do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência**.” Anais do Seminário Brasileiro de Museologia. Brasília. Universidade de Brasília, 2019.

LUCA, Tânia Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos.” In: PINKSY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MACEDO, Adriana Mattos Clen. “**Método e escrita da história em Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938)**.” pag. 219. 2013. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MARTINS, Monica. “**O impacto das Exposições Universais do século XIX para as relações econômicas brasileiras e o avanço tecnológico: uma análise sobre a participação das províncias**.” Anais do XII Congresso Brasileiro de História Econômica. Niterói, 2017.

MARTINS, Monica de Souza Nunes. “**O espetáculo da economia: a Primeira Exposição Nacional da Indústria no Império do Brasil, em 1861**.” Topoi (Rio de Janeiro), v. 21, p. 497-517, 2020.

MAUAD, Ana Maria. “Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado.” In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.) In. **História da Vida Privada no Brasil, 2: Império**. São Paulo: Companhia das Letras. p. 181-232. 1997.

MORAZÉ, Charles. **La logique de l'Histoire**. FeniXX, 1967.

NEVES, Lúcia M. Bastos P. VERBETE: Exposições. In. VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, p 252-253, 2002.

NEVES, Margarida de Souza. **As vitrines do progresso**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1986.

_____. A “Machina” e o Indígena: o Império do Brasil e a Exposição Internacional de 1862. In. **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, p. 173-206, 2001.

_____. “Brasil en las exposiciones inter nacionales del siglo XIX.” In. **La Nación Expuesta. Cultura visual y procesos deformación de la nación en América Latina**. Bogotá: Universidad del Rosario, p. 83-100, 2014.

PEREIRA, Marcelo de Souza. UBIRAJARA. In. **A Republica em Documentos Série de Documentos Museológicos nº 5 Coleção de Alegorias**. (Org). Mario Chagas e Marcelo de Souza Pereira. Rio de Janeiro: Museu da República, pag. 26-37, 2019. (pdf).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “**Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876.**” Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 2, n. 1, p. 151-168, 1994.

_____. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

PLUM, Werner. **Exposições mundiais no século XIX: espetáculos de Transformação sócio-cultural**. Bonn: Friedrich-Ebert Stiftung, 1979.

RODRIGUES, José Honório. **Introdução. In: Catálogo da Exposição de História do Brasil**. Brasília: Editora UnB. pag. VII-XVII, 1981.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. “Museu Imperial: a construção do Império pela República.” In: ABREU, Regina; CHAGAS, Marcos (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina. p. 111-131. 2003.

SANJAD, Nelson. “**Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina.**” História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 24, n.3, jul.-set. 2017, pag.785-826.

SCHUSTER, Sven. “**A visão dos vencedores: O Brasil e a glorificação da Guerra do Paraguai nas exposições universais do século XIX.**” Iberoamericana, pag. 147-174, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Exposições Universais: Festas do Trabalho, Festas do Progresso. **As Barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pag.385-408.

_____. “**Nacionalidade e patrimônio: o segundo reinado brasileiro e seu modelo tropical exótico**”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 34, p. 337-359, 2012.

_____. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2017.

_____. **“Os trópicos como espetáculo: a participação brasileira nas exposições universais de finais do século XIX”**. In. STEPHAN, Beatriz Gongález. ANDERMANN, Jens. (Eds.). *Galerías del Progreso*, Ed. Beatriz Viterbo: Rosario, p. 195-220, 2006.

SILVA, José Luis Werneck da. **As arenas pacíficas do progresso. As exposições internacionais**, 1992.

THIESSE, Anne-Marie. **“Ficções criadoras: As identidades nacionais”**. Anos 90, Porto Alegre, n. 15, p. 7-23, 2001.

TITAN JUNIOR, S (trad.). **“Que é uma nação? De Ernest Renan”**. Plural - Revista de Ciências Sociais, v. 4, n. 1, p. 154-175, 1997.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia na era do espetáculo 1839-1889**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. **Iconografia e patrimônio: o catálogo da exposição de história do Brasil e a fisionomia da nação**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

_____. TURAZZI, Maria Inez. “Quadros de história pátria: fotografia e cultura histórica oitocentista.” FABRIS, Anneteresa. KERN, Maria Lúcia Bastos. (Orgs). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: Ed. da USP, pag. 229-253. 2006.

Fontes Digitais

Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital)

Catálogo da Exposição Nacional de História e Geographia do Brazil. 3 volumes. (edição fac-símile). Brasília: Editora UnB, 1981.

Jornal do Commercio, 03 dez. 1881, p. 1-25.

Gazeta de Notícias, 03 dez. 1881, p. 1-10.

Guia da Exposição de História do Brazil, 02 dez. 1881, p. 1-50.

Catálogo da Exposição Camoniana de 1880

Recordações da Exposição Nacional de 1861. Instituto Artístico de Fleiuss Irmãos & Linde, Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 1862.

EXPOSIÇÃO Nacional de 1866: fotografia e pintura. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1866].

Biblioteca do Senado Federal

Catálogo do Império na Exposição Universal de 1867.

Catálogo do Império na Exposição Universal de 1873.

Catálogo do Império na Exposição Universal de 1876.